



COLEÇÃO PROINFANTIL

Ministério da Educação
Secretaria de Educação Básica
Secretaria de Educação a Distância
Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil



COLEÇÃO PROINFANTIL

MÓDULO IV

UNIDADE 4

LIVRO DE ESTUDO - VOL. 2

Karina Rizek Lopes (Org.)
Roseana Pereira Mendes (Org.)
Vitória Líbia Barreto de Faria (Org.)

Brasília 2006

Diretora de Políticas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental

Jeanete Beauchamp

Diretora de Produção e Capacitação de Programas em EAD

Carmen Moreira de Castro Neves

Coordenadoras Nacionais do PROINFANTIL

Karina Rizek Lopes

Luciane Sá de Andrade

Equipe Nacional de Colaboradores do PROINFANTIL

Adonias de Melo Jr., Amaliar Attalah, Ana Paula Bulhões, André Martins, Anna Carolina Rocha, Anne Silva, Aristeu de Oliveira Jr., Aurea Bartoli, Ideli Ricchiero, Jane Pinheiro, Jarbas Mendonça, José Pereira Santana Junior, Josué de Araújo, Joyce Almeida, Juliana Andrade, Karina Menezes, Liliane Santos, Lucas Passarela, Luciana Fonseca, Magda Patrícia Müller Lopes, Marta Clemente, Neidimar Cardoso Neves, Raimundo Aires, Roseana Pereira Mendes, Rosilene Silva, Stela Maris Lagos Oliveira, Suzi Vargas, Vanya Barbosa, Vitória Líbia Barreto de Faria, Viviane Fernandes

Coordenação Pedagógica

Roseana Pereira Mendes, Vitória Líbia Barreto de Faria

Assessoria Pedagógica

Sônia Kramer, Anelise Monteiro do Nascimento, Claudia de Oliveira Fernandes, Hilda Aparecida Linhares da Silva Micarello, Lêda Maria da Fonseca, Luiz Cavalieri Bazilio, Regina Maria Cabral Carvalho, Sílvia Néli Falcão Barbosa

Consultoria do PROINFANTIL – Módulo IV

Fátima Regina Teixeira de Salles Dias, Léa Velocina Vargas Tiriba

Autoria

Adrienne Ogêda Guedes, Ana Marta Aparecida de Souza Inez, Claudia Almeida Bandeira de Mello, Daniela de Oliveira Guimarães, Eduardo Sarquis Soares, Fátima Regina Teixeira de Salles Dias, José Alfredo de Oliveira Debortoli, Maria Inêz Mafra Goulart, Maria Isabel Ferraz Pereira Leite, Nuelna Gama Vieira, Vitória Líbia Barreto de Faria

Projeto Gráfico, Editoração e Revisão

Editora Perffil

Coordenação Técnica da Editora Perffil

Carmen de Paula Cardinali, Leticia de Paula Cardinali

Ficha Catalográfica – Maria Aparecida Duarte – CRB 6/1047

L788

Livro de estudo: Módulo IV / Karina Rizek Lopes, Roseana Pereira Mendes, Vitória Líbia Barreto de Faria, organizadoras. – Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2006.

74p. (Coleção PROINFANTIL; Unidade 4)

1. Educação de crianças. 2. Programa de Formação de Professores de Educação Infantil. I. Lopes, Karina Rizek. II. Mendes, Roseana Pereira. III. Faria, Vitória Líbia Barreto de.

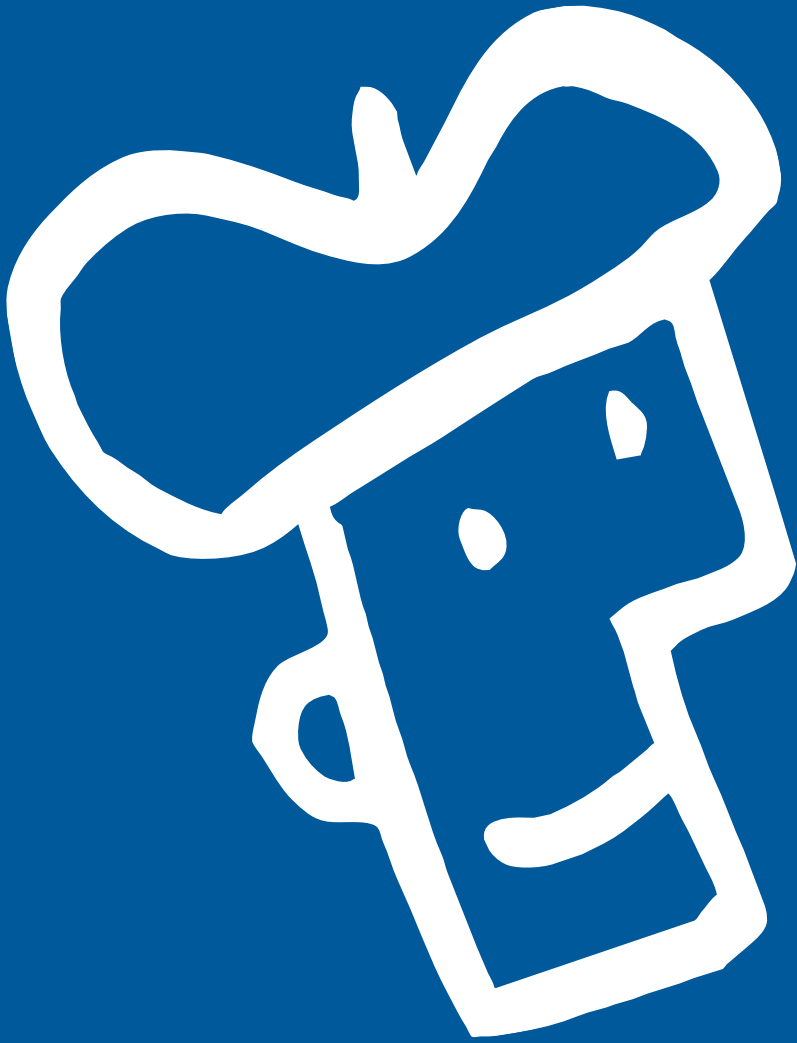
CDD: 372.2

CDU: 372.4

MÓDULO IV

UNIDADE 4

LIVRO DE ESTUDO - VOL. 2



SUMÁRIO

B - ESTUDO DE TEMAS ESPECÍFICOS 8

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO

AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS DAS CRIANÇAS E AS INTERAÇÕES COM A NATUREZA E A CULTURA: MÚSICA, DANÇA E

GESTUALIDADE 9

Seção 1 – Movimento é vida: música, dança, teatro, brincadeiras, corpo, conhecimento e linguagem 11

Seção 2 – O lugar do corpo na escola e o divórcio entre movimento e conhecimento 24

Seção 3 – Música, dança, teatro: gesto e o “movimentar-se humano” como linguagem 32

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

CORPO E MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL 41

Seção 1 – O corpo em movimento 44

Seção 2 – As múltiplas linguagens corporais e sonoras 50

Seção 3 – Folclore e práticas culturais – um encontro de regiões, cidades, adultos, idosos, crianças, bichos, espaços, tempos e muito mais 58

Seção 4 – O corpo em movimento e a organização de tempos e espaços na Educação Infantil 61

C - ATIVIDADES INTEGRADORAS 72

B - ESTUDO DE TEMAS ESPECÍFICOS



FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS DAS CRIANÇAS E AS INTERAÇÕES COM A NATUREZA E A CULTURA: MÚSICA, DANÇA E GESTUALIDADE

*“Quando alguém especial nos olha,
nós nos sentimos tocados.*

*Se pegamos na mão da pessoa
amada, nosso coração dispara
e nosso corpo entra em festa.*

*Há sons que fazem arrepiar o
nosso corpo.*

Há medos que nos fazem tremer.”

Bartolomeu Campos de Queirós¹



¹ QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. Os cinco sentidos. Belo Horizonte: Miguilim, 1999.

ABRINDO NOSSO DIÁLOGO

Professor(a)!

Seja bem-vindo(a) a este texto no qual continuaremos a refletir e elaborar pressupostos teórico-metodológicos do trabalho docente na Educação Infantil.

Estamos estudando as múltiplas linguagens das crianças e as interações com a natureza e a cultura. Nas páginas que seguem, vamos problematizar relações, conteúdos e processos pedagógicos que têm como ênfase o trabalho com a música, a dança e a educação física, ou seja, o **movimentar-se humano** como linguagem e sua importância na formação das crianças.

Vamos conversar sobre temas presentes na prática docente da Educação Infantil, estudando e revendo conhecimentos que envolvem e marcam nossos corpos e nossas relações pedagógicas.

Este estudo pode ajudar a ampliar concepções e olhares que temos construído sobre as crianças, bem como as diferentes maneiras que vivemos nossas relações e organizamos as instituições educativas.

DEFININDO NOSSO PONTO DE CHEGADA

Objetivos específicos deste texto:

1. Compreender a presença do corpo e a importância do movimento na educação de crianças de 0 a 6 anos.
2. Reconhecer a diversidade cultural que se expressa em danças, músicas, movimentos, gestos, entre outras possibilidades de expressão dos sujeitos e seus corpos.
3. Compreender a música, a dança, o teatro e as brincadeiras como processo de significação e compartilhamento de experiências culturais, dimensão fundamental do desenvolvimento e da formação humana.



CONSTRUINDO NOSSA APRENDIZAGEM

Este texto está dividido em três seções: na Seção 1, estaremos abordando o movimento como vida que se mostra, através do corpo, na música, na dança, no teatro e nas brincadeiras; na Seção 2, vamos refletir sobre o lugar do corpo na escola e a separação que muitas vezes observamos entre movimento e conhecimento; e, na última seção, olharemos para o gesto e o movimento humano como linguagem.

Seção 1 – Movimento é vida: música, dança, teatro, brincadeiras, corpo, conhecimento e linguagem

OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO:
- COMPREENDER A IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS, ENFATIZANDO CAMINHOS DE APRENDIZAGENS PROPORCIONADOS PELA EXPRESSÃO DOS CORPOS DOS SUJEITOS.

Professor(a), vamos iniciar o nosso diálogo falando um pouco sobre a origem do homem. Várias são as explicações para o nosso surgimento na Terra. Buscando responder esse mistério, algumas pessoas recorrem a aspectos místicos ou científicos. Mas houve um período da humanidade em que os homens não se voltavam tanto para as ciências e para as religiões. Nesse período, que levou um longo espaço de tempo, os fatores eram explicados através da mitologia. Mitologia é um conjunto de histórias que tenta explicar o mundo. Dentro da própria mitologia existem muitas versões para o mesmo fato. Portanto, não temos como objetivo, ao abordarmos este tema, trazer a verdade, mas sim, apresentar elementos que envolveram a compreensão do homem sobre o mundo ao longo da história.

Segundo a mitologia grega, quem criou o homem foi Prometeu (deus grego, sobrinho de Zeus, pai de todos os deuses). Querendo povoar a terra com criaturas dotadas de espírito, Prometeu criou o homem do barro. Seu corpo foi modelado à imagem e semelhança dos deuses do Olimpo. A esse boneco de barro foi dada a alma dos animais, até que Atena (a deusa da sabedoria), admirando a criação de Prometeu, empresta-lhe o sopro divino, animando o espírito no interior destes novos seres.

De acordo com esse mito de criação do homem, somos seres constituídos de natureza, com espírito divino, filhos da Terra e irmãos do todos os outros seres.



Athena – Deusa da sabedoria

Essa explicação predominou durante milênios na história das mais diversas civilizações. O corpo era integrado à natureza e os homens eram dependentes dos desígnios divinos. Os primeiros registros de uma outra concepção de homem, dissociando corpo de espírito foram identificados na Idade Média, mas foi na **Modernidade** que se iniciou um processo de desligamento entre o ser humano e a natureza, destacando-se neste período um interesse pelo corpo.

Esse distanciamento entre corpo e natureza foi alargado ainda mais no século XX. Hoje, cada vez mais, os corpos têm sido solicitados e enfatizados na sociedade e na cultura. Nas revistas e nos canais de televisão anunciam-se

novas modas, desejos e necessidades. Aparecem, dia após dia, novos produtos e práticas que trazem promessas e receitas de felicidade, prazer, juventude, diversão, eficiência, habilidade, saúde, relaxamento.

Mas os corpos têm sido valorizados tendo como princípio o direito, a dignidade, a liberdade, o conhecimento, a sensibilidade e a vida em sua riqueza e totalidade? Ou, ao contrário, revelam formas de controle e incentivos ao consumo que, a cada dia, vão sendo elaboradas e impostas a todos?

Você, por exemplo, já se viu em um “centro de compras”, precisando ir a um determinado lugar, ou mesmo querendo ir embora, mas sempre tendo que andar muito para achar uma escada ou uma saída? Isto sem falar dos pisos destes mesmos estabelecimentos, que geralmente são escorregadios, nos obrigando a andar devagar ficando mais suscetíveis aos anúncios e ofertas de produtos. Nos supermercados vocês já repararam como os produtos destinados às crianças são colocados em prateleiras mais baixas para que nada escape de seus olhares, produzindo desejos e necessidades?

Estes são alguns exemplos de como nossos corpos, em todo tempo e lugar, são submetidos a formas e processos que vão condicionando nossas relações, nossas experiências e nossas maneiras de estar no mundo e nos apropriarmos dele.



ATIVIDADE 1

Procure em jornais e revistas diferentes imagens do corpo ou onde o corpo esteja presente. Crie uma montagem em seu portfólio com os recortes e justifique a seleção dessas imagens.

Vários foram os meios utilizados para a educação dos corpos; a vestimenta foi um deles. Vejamos as roupas utilizadas pelas crianças na reprodução do quadro “Brothers” de Susan C. Waters.

ATIVIDADE 2

Que relações podemos fazer entre a imagem e o que estudamos até aqui? Você pode recorrer aos estudos realizados no Módulo I.

A partir do início do século XX, através de um tipo de **educação corporal**, foi se materializando determinado projeto educativo da sociedade brasileira fundado na idéia de moralização e militarização da infância.



In: www.Inter-art.com.br

O corpo, nos processos históricos de escolarização da infância brasileira, foi tomado como dimensão fundamental dos investimentos na formação dos sujeitos. Buscava-se, sobretudo, implantar um modelo escolar com o qual se pretendia mais que instruir as crianças, educá-las nas boas maneiras e dar-lhes uma profissão. A escola foi influenciada pela instituição militar e médica e, durante um período de tempo, teve como missão operar uma revolução nos costumes. Nesse sentido, a educação dos corpos influenciou não apenas as concepções pedagógicas como também as dimensões materiais, entre elas as reformas dos prédios das escolas. Esperava-se que as escolas operassem uma mudança de sensibilidade, linguagem, comportamento e costumes das populações, a começar pelas crianças.

Foram incluídos progressivamente nas escolas diferentes conteúdos, conhecimentos e disciplinas relacionadas ao novo mundo urbano em consolidação e que se faziam necessários à afirmação da República.

Vocês sabiam que, no início do século XX, nos currículos escolares foram incluídas “cadeiras” como “hygiene”, “escripta” (imposição da letra vertical), trabalhos manuais (para educar as mãos) e exercícios “physicos”?

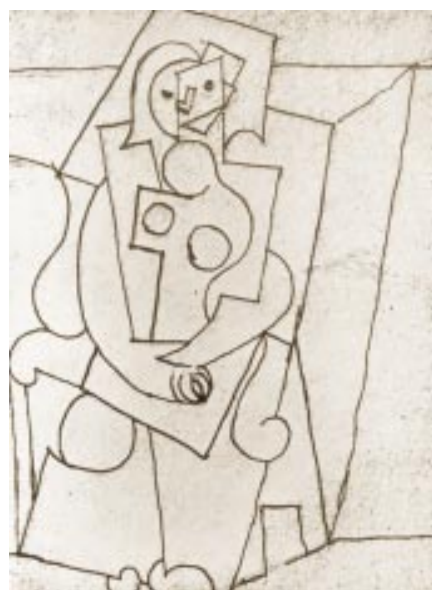
Na escolarização das crianças também foram incluídos conhecimentos como a música, o teatro, as brincadeiras, as danças e os jogos, entre outros temas da cultura. No entanto, esses conhecimentos culturais não foram introduzidos nas escolas para alimentar a expressão humana e cultural, mas como mais um instrumento de adequação a hábitos e comportamentos considerados necessários à educação das crianças.

Professor(a), diante deste contexto histórico, temos o desafio de tentar encontrar outros olhares e possibilidades para o movimento e o corpo na escola e na educação das crianças. A arte pode nos ajudar nesse sentido. O corpo foi tema para muitos artistas. Várias técnicas foram utilizadas tentando abordar o corpo nas suas mais diversas dimensões.

Vejamos essas duas reproduções de obras que retratam corpos, realizadas pelo Espanhol Pablo Picasso.



“Les baigneuses”



“Femme dans un fauteuil”

Pablo Picasso

Picasso foi um dos artistas mais famosos do século XX. Nasceu no sul da Espanha em 25 de outubro de 1881. Seu talento foi reconhecido aos 15 anos, quando ele já tinha o seu próprio ateliê.

Picasso foi para Paris em 1900. Na ocasião, Paris era a capital artística da Europa.

O pintor viveu diferentes fases em sua vida que foram reproduzidas em sua obra. Na fase azul, se dedicava a retratar a pobreza, a cegueira, a alienação e o desespero. Quando se apaixonou por Fernande Olivier, suas pinturas mudaram de azul para rosa, inaugurando a fase rosa. Ouve uma época em que se dedicou a pintar acrobatas, dançarinos, arlequins e artistas de circo. Em 1907, Picasso revolucionou o mundo da arte com "As donzelas de Avignon", retratando prostitutas num bordel. Nas décadas de 20 a 30, Picasso alterou seu estilo de pintura, atento às novas correntes (Expressionismo, Surrealismo, Arte Abstrata).

"As três dançarinas", que veremos ainda neste texto, foi a primeira tela a apresentar distorções muito fortes nas figuras. Picasso morreu em 8 de Abril de 1973, deixando uma vasta obra. (Os Grandes Artistas Modernos, Editora Nova Cultural)

Os artistas expressam o corpo sob diferentes formas em suas obras. Isso nos mostra a variedade de visões e relações que são possíveis de serem estabelecidas com o corpo. Essas visões e relações são construídas na história e na cultura. Neste texto, trouxemos alguns aspectos históricos que envolvem o corpo e a educação. E hoje, como é a relação com o corpo nas escolas? Que educação corporal temos realizado com as crianças? Como temos reconhecido, tratado e possibilitado a expressão de seus corpos e a construção de sua corporeidade? Como temos organizado nossas salas? Temos possibilitado o movimento e a livre expressão das crianças? Temos promovido a apropriação dos tempos e dos espaços? Como possibilitamos as relações entre os meninos e as meninas? Como lidamos com as diferenças culturais, sexuais, corporais, com a diversidade e a subjetividade dos sujeitos? Nossas relações têm sido fonte de conhecimento e liberdade ou de controle e relações de poder?



Camille Claudel,
"Persée et la Gorgone"

Vejam como o corpo está presente na prática da professora Madalena Freire:

No dia seguinte, uma das crianças trouxe um boneco de mola que, sob pressão, pulava. Como havíamos vivido na roda do dia anterior uma situação na qual senti nas crianças movimentos tensos, e depois relaxados, aproveitei para explorar, através do boneco, tensão e relaxamento.

A proposta foi esticar todo o corpo como a mola de um boneco, soltar o corpo caindo “mole” no chão e depois pular como o boneco.

Passamos alguns dias fazendo o mesmo exercício, depois passamos a pesquisar tensão e relaxamento nas partes do corpo: cabeça, braços, perna e pescoço. (...) Exploramos movimentos de enrolar e rolar. (FREIRE, 1999. p. 100)



ATIVIDADE 3

E na sua prática? Você tem planejado atividades que priorizam o contato com o corpo? Que tal ir até o seu planejamento e, ao observar suas atividades, pensar que espaço tem destinado ao contato das crianças com seus corpos, com os corpos das outras crianças e também com o seu? O movimento tem sido valorizado como expressão da subjetividade da criança?

Quem sabe você não se inspira na prática de Madalena Freire e cria outras tantas propostas que envolvam o corpo?

Você pode retomar uma atividade da Unidade 3, no texto de OTP deste módulo, e organizar um projeto que tenha como objetivo o trabalho com o corpo. Ele pode ter vários enfoques: a questão biológica, o social, o corpo como meio para descobrir o mundo, entre tantas outras idéias. Vejamos uma delas no quadro abaixo:

Uma professora de Educação Infantil, após contar a história de Maria Clara Machado, “O Cavalinho Azul”, iniciou um projeto que tinha como foco o mundo mágico circense. Em um picadeiro improvisado, as crianças brincaram de malabaristas, equilibristas, bailarinas e mágicos. Além das muitas piruetas e cambalhotas, quando dramatizaram palhaços, a professora sugeriu que elas criassem diferentes cumprimentos. As crianças foram divididas em dois grupos

e, ao som da professora, os “palhaços” saíam ao encontro uns dos outros e se cumprimentavam, apertando as mãos ou encostando diferentes partes do corpo. Com essa proposta, reviveram diferentes formas de saudação que os palhaços utilizam historicamente nos circos. Neste projeto, as crianças puderam ter contato com diversos conhecimentos ligados à história e à cultura, além de ampliarem a dimensão corporal e a autoconfiança.

No exemplo que trazemos acima, a professora utilizou como detonador do projeto o livro “O Cavalinho Azul”, trazido por uma criança do grupo. Este livro foi escrito por Maria Clara Machado.

Maria Clara Machado escreveu “O Cavalinho Azul” em forma de novela e também em versão teatral. O livro é de um poder de encantamento infinito. A autora narra a história de Vicente e seu pangaré. Sonhos e realidade se misturam, o circo e a cidade estão presentes num misto de sonho, imaginação e poesia. O texto do livro foi transformado por Tim Rescala numa ópera infantil, gravada em CD.



Maria Clara Machado nasceu em Belo Horizonte (MG), em 1921, mas foi criada no Rio de Janeiro, no bairro de Ipanema, onde morreu aos 80 anos, em 2001. Desde criança, Maria Clara viveu num ambiente de inventar histórias: seu pai, Aníbal Machado, também era escritor. Então, estava sempre cercada de artistas e intelectuais amigos dele. Quando cresceu, foi estudar teatro em Paris e Londres.

Maria Clara Machado é uma das pessoas que mais escreveu para o teatro infantil no Brasil. “A Bruxinha Que Era Boa” (1954) e “O Cavalinho Azul” (1959) são peças encenadas até hoje. Ganhou os prêmios mais importantes do teatro e da literatura nacionais, como o “Saci”, o “Mambembe” e o “Machado de Assis”.

Em 1955, ela escreveu a peça infantil mais famosa do país até hoje: “Pluft, o Fantasminha”. É a história de um fantasma criança, que tem medo de crescer.

<http://www.canalkids.com.br/arte/galeria/mariaclara.htm>

Ao longo da história, a música, o teatro, as brincadeiras, as danças, os jogos e outras práticas foram introduzidos nas escolas tendo como objetivo o controle e a disciplina das crianças, produzindo uma relação em que o corpo e sua expressividade foram totalmente desconsiderados como fonte de prazer, cultura e aprendizagem.

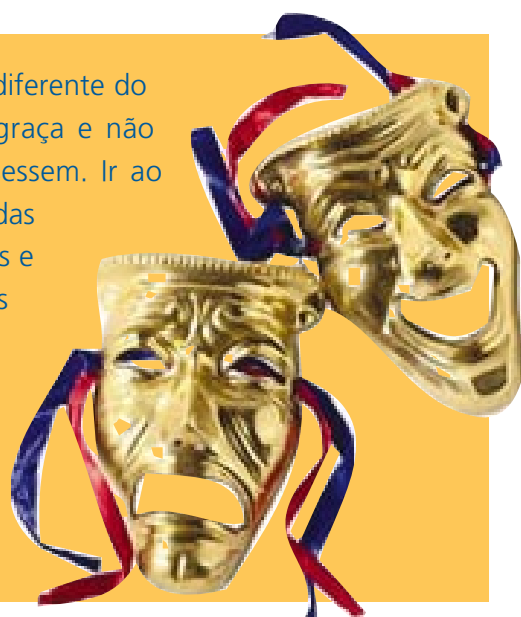
Neste texto iremos abordar algumas das linguagens que envolvem o corpo considerando sua dimensão cultural, estética e artística. Vamos começar o com teatro?

O teatro, em suas mais diversas formas, é uma fonte inesgotável de possibilidades de trabalho na Educação Infantil. Professor(a), existe teatro na sua cidade? Você já foi a um teatro? Já assistiu a uma apresentação teatral? E as crianças da sua turma, já tiveram alguma experiência com essa manifestação artística?

A história do teatro se mistura com a história da humanidade. A arte de representar faz com que o homem expresse seus sentimentos num mundo de fantasia que tem sua origem no mundo e nas vivências reais.

Você se lembra que no início do texto falamos sobre a mitologia grega? Pois bem, o teatro ocidental também surgiu na Grécia Antiga, no tempo em que os homens se orientavam através das lendas dos deuses que eram divulgadas por meio oral, passando de geração em geração. A transmissão dessas lendas procurava instruir as pessoas para que buscassem o bem comum, seguindo determinados padrões de comportamento que, segundo as lendas, tinham sua origem nas experiências vividas pelos deuses.

O teatro que surgiu na Grécia Antiga era diferente do atual. Os gregos assistiam às peças de graça e não podiam frequentar o teatro quando quisessem. Ir ao teatro era um dos compromissos sociais das pessoas. Assim como havia rituais religiosos e assembleias para decidir os rumos das cidades, existiam os festivais de teatro. Dedicados às tragédias ou às comédias, eles eram financiados pelos cidadãos ricos. E o governo pagava aos mais pobres para comparecerem às apresentações.



Os festivais dedicados à tragédia ocorriam em teatros de pedra, ao ar livre, onde se escolhia o melhor autor. Embora alguns atores fizessem sucesso, os grandes ídolos do teatro eram os autores. As apresentações duravam vários dias e começavam com uma procissão em homenagem ao deus Dionísio, considerado protetor do teatro. A platéia acompanhava as peças o dia todo e reagia intensamente às encenações.

In: Ciência Hoje das Crianças 123, abril 2002

Dionísio, o protetor do teatro, tem sua imagem ligada à morte e ao renascimento. Assim, o teatro nasce dos ritos de renascimento e morte, de representação da vida. A busca desta arte é a construção de um espaço de encontro, imaginação e participação.

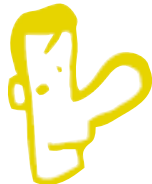
Você conhece a história “O Teatro de Sombras de Ofélia”, escrita por Michael Ende e Frierich Hechelmann?

Ofélia era uma senhora que trabalhava em um teatro soprando as falas para os atores. Um dia esse teatro foi fechado e Ofélia encontrou uma sombra que passou a lhe acompanhar. Ofélia passou a ter duas sombras. Logo outras sombras se juntaram a essas duas e Ofélia ensinou às sombras tudo o que sabia sobre o teatro. Durante o dia, as sombras ficavam dentro da sua bolsa e a noite elas representavam muitos papéis. A senhora certo dia foi despejada de seu apartamento. Decidiu então comprar uma passagem e sair de trem pelo mundo sem saber aonde ia. Ao chegar no mar sentou-se para descansar e adormeceu. As sombras ao perceberem a situação em que a amiga se encontrava, decidiram ajudá-la. Levaram Ofélia até uma pequena aldeia, tiraram um lençol branco da mala, penduraram no varal e começaram a representar no lençol as peças que Ofélia lhes ensinara. As sombras se transformavam em reis e bobos, em nobres donzelas e fogosos corcéis, em feiticeiros e flores, conforme a necessidade. Daquele dia em diante, as pessoas passaram a assistir, rir e chorar com “O Teatro de Sombras de Ofélia”. (...)





Os jogos teatrais podem ser vividos na escola como mais uma possibilidade de expressão da criança. Sua prática envolve as relações interpessoais, o passado, o presente e o futuro dos envolvidos, além de sentimentos como o medo, os ideais, as vontades e os desejos.



ATIVIDADE 4

Que tal fazer como na história e criar um teatro de sombras? Selecione um ambiente com pouca luz e tente colocar nele um lençol esticado, de forma que a maior incidência de luz fique atrás do lençol. Você pode utilizar uma lâmpada com um fio (conhecida como gambiarra), mas muito cuidado para que a lâmpada não fique ao alcance das crianças! Organize o grupo na frente do lençol e vá convidando as crianças para irem atrás do lençol criar movimentos com o corpo, para que os outros vejam suas sombras projetadas no lençol. Eles podem imitar bichos, pessoas e dramatizar histórias e o que mais a imaginação permitir. Essa atividade pode ser ainda explorada de uma outra maneira. Experimente inverter a luz. Assim, a sombra da criança fica projetada na parede. Prenda um papel grande onde aparece a sombra e peça para a criança ficar parada. Desenhe a silhueta da criança no papel. Realizando essa técnica, você pode criar um divertido jogo em que o desafio será descobrir quem é o dono da silhueta. Convide as outras crianças da instituição e as famílias para descobrirem também. Registre sua experiência no caderno.

Algumas histórias podem ser adaptadas e as crianças podem escolher seus papéis. Existem também outras técnicas de representação: o teatro de máscara, o teatro de vara e o teatro de fantoches, como o brasileiro Teatro de Mamulengo.

O Mamulengo é a forma mais popular e antiga de teatro de bonecos no Brasil. Herdeiro da tradição dramática da Commedia dell'Arte, sobrevive até hoje no interior e nos centros populares das grandes cidades do Nordeste.

Estética transmitida oralmente por convívio, de pai para filho, de mestre para aprendiz, o Mamulengo em sua forma aparentemente simples oculta soluções cênicas originais e engenhosas.

Confeccionados geralmente em madeira e tecido de aparência rústica, os bonecos são verdadeiros arquétipos, tesouros de arbitrariedade caprichosa, sem se tornarem, com isso, incompreensíveis; pelo contrário, pelo fato de assim serem, tornam-se bastante familiares a qualquer público.


Baseado na capacidade de improvisação e no espírito cômico do mamulengueiro, cada "brincadeira" é única. Através da comunicação direta com o público, os temas, personagens e histórias são constantemente atualizados e adaptados às diferentes situações e platéias em que se apresentam, revelando uma linguagem dinâmica, em permanente estado de ebulição histórica e uma estrutura cênica, secular e universal.

<http://www.todaztriboz.com.br/mamulengo/oque00.html>




Professor(a), devemos tomar alguns cuidados quando pretendemos trabalhar com jogos teatrais, pois existe uma tendência por parte de algumas instituições em utilizar a arte, nesse caso o teatro, como meio de se conseguir determinado comportamento. Dessa forma, estão reproduzindo conhecimentos e práticas culturais sem uma intencionalidade que vá além da idéia de ocupação do tempo das crianças ou preparação para outras aprendizagens consideradas mais importantes ou urgentes.


Como os movimentos, que se expressam em gestos, teatro, músicas, danças etc., têm sido tratados no cotidiano de nossas escolas?




Essas linguagens precisam ser apropriadas pela escola em sua potencialidade para expressão do corpo, dos movimentos e dos gestos das crianças e dos(as) professores(as). O teatro e a dança, na maioria das vezes, são utilizados, por exemplo, em apresentações para os pais ou quando a instituição recebe algum visitante e quer mostrar as habilidades das crianças. Nesses momentos, observamos que poucas crianças participam e a maioria apenas assiste à apresentação. Será que esses são momentos de expressão por parte das crianças?



Quando utilizamos o teatro para obter determinados comportamentos por parte das crianças, como fazer filas, sentar, descer escadas e lavar as mãos, estamos diminuindo as possibilidades de produção de movimentos e expressão do corpo que o teatro pode proporcionar. O mesmo ocorre com a dança e a música. Mas eles podem ser mais que mera apresentação, ampliando experiências das crianças e contribuindo para o processo de organização e síntese do conhecimento na creche, pré-escola e escola. Utilizadas de maneira rica e divertida, essas práticas culturais podem se tornar ações interessantes em que as crianças participam de sua produção e passam a compreender a dança, a música e o teatro como conhecimentos.




Queremos, nesta seção, diante da riqueza dos conhecimentos disponíveis e das relações que podemos experimentar, convidar você, professor(a) para juntos discutirmos que perspectivas culturais temos utilizado em nossa prática. Queremos com esse debate ampliar nossas relações com as crianças, abrindo caminhos para qualificar suas experiências, descobrindo e aprendendo sons e ritmos, inventando histórias e se expressando através de seus corpos e seus movimentos. Quanto conhecimento trazemos em nossos corpos, em nossas histórias e memórias?



Quem de nós já dançou ou brincou de teatro ou contou ou ouviu histórias? Todos nós já fomos crianças e adolescentes. Trazemos uma riqueza de conhecimentos em nossa memória, em nossos corpos. Nossa infância, por exemplo, revela muito do que somos hoje, nossas belezas e dificuldades, prazeres e dores. Reconhecer a nossa infância pode nos possibilitar novas sensibilidades para entendermos as crianças de hoje.

ATIVIDADES



Procure lembrar de músicas, histórias, danças, lugares e momentos em que você compartilhou experiências e saberes com outras crianças e com os adultos em sua infância e adolescência. Nós já realizamos essa atividade no Módulo II.

Volte às suas anotações e reflita sobre como essas recordações e experiências ajudam a compreender o adulto que cada um de nós se tornou. Em que isso nos ajuda a compreender melhor as crianças com quem nós nos relacionamos hoje?



Quando buscamos nos apropriar de nossas histórias, isso ajuda a compreender muito do que somos e vivemos hoje; possibilita compreender as crianças e olhá-las com outras sensibilidades.

Há um menino
Há um moleque
Morando sempre no meu coração

(Milton Nascimento e Fernando Brant)



Quando nos reconhecemos em nossas histórias, podemos questionar sobre nossas escolhas e ações e buscarmos outras maneiras de organizar nossas creches, pré-escolas e escolas e nossa prática pedagógica. Podemos também reafirmar o caminho que estamos trilhando, além de lançar novos desafios. Pensar no movimento, no corpo e nas mais diversas possibilidades de sua expressão nos leva a refletir sobre o compromisso que a educação tem com as crianças. Como educadores(as) que trabalham com crianças, não podemos fugir de tais reflexões. A música, a dança, o teatro, assim como as brincadeiras, revelam possibilidades muito maiores do que disciplinar corpos, trazem contribuições mais interessantes do que deixar as crianças mais calmas, menos agressivas e em melhores condições para frequentar a escola, respondendo às suas exigências e conteúdos preestabelecidos.



Nossa proposta com este texto é discutir as práticas que envolvem o corpo na creche, pré-escola e escola. Assim, é preciso refletir sobre os tempos e os espaços de nossas instituições. O que temos priorizado quando organizamos o planejamento? Temos destinado tantos espaços para as diferentes expressões como destinamos para os conteúdos que consideramos necessários para o Ensino Fundamental? Como têm sido utilizados espaços como o pátio, a brinquedoteca, os corredores, os locais externos à escola? Eles são lugares recreativos, onde não há relações entre os(as) professores(as) e as crianças? Devemos tomar determinados cuidados, porque o corpo e o movimento, quando entram na escola, tendem a ser tratados como algo secundário, menos importante e, no máximo, como suporte para aprendizagens consideradas mais importantes.

Seção 2 – O lugar do corpo na escola e o divórcio entre movimento e conhecimento

OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO:

- RECONHECER A DIVERSIDADE CULTURAL QUE SE EXPRESSA EM DANÇAS, MÚSICAS, MOVIMENTOS, GESTOS, ENTRE OUTRAS POSSIBILIDADES DE EXPRESSÃO DOS SUJEITOS E SEUS CORPOS.

Professor(a), vamos iniciar esta seção conversando sobre como é ampla nossa cultura e como são diversos os conhecimentos humanos. Quantas danças, festas, rituais, músicas, brincadeiras, artes, jogos, cinema, teatro, literatura, nas mais diferentes formas de existência e expressão do corpo e da memória, temos para compartilhar uns com os outros?

Quantas possibilidades de garantir que as crianças se apropriem de conhecimentos e saberes que elas têm direito e nós temos a responsabilidade de ensinar, de possibilitar sua compreensão e produção?

Pois estes conhecimentos foram produzidos pelos seres humanos ao longo de nossas diferentes, tensas e contraditórias trajetórias históricas. Por isso estes conhecimentos são de todos e é também por isso que dizemos que eles se constituem como “Patrimônio Cultural da Humanidade”.

Podemos, nesse sentido, pensar a Educação Infantil como uma Política de Direitos, capaz de problematizar as condições de inserção cultural e apontar perspectivas de ampliação das experiências culturais de todas as crianças do nosso país.

A Educação Infantil está relacionada à pluralidade de conhecimentos culturais, entendidos como patrimônio humano e coletivo, em que se revela uma riqueza de experiências e saberes, como tempo e espaço de circulação da cultura, através de um número inesgotável de histórias, trajetórias, valores e formas de interpretação do mundo.

Apropriar-se dos conhecimentos e seus meios de produção, decifrar contradições, tensões e preconceitos também são dimensões constitutivas da humanidade das crianças e dos(as) professores(as). E como são ricas as possibilidades de expressão do corpo em gestos, movimentos, brincadeiras, músicas e danças!



Priscilla Silva Nogueira

Ao incluir a reflexão sobre o corpo e o movimento na educação de crianças de 0 a 6 anos, também propomos uma experiência humana mais sensível e afetiva, aproximando-nos da infância como tempo de descobertas, de invenção, de conhecimentos, de vivência das várias formas de expressão e de linguagem contidas no “[movimentar-se humano](#)”.

Professor(a), na seção anterior vimos a origem do teatro ocidental. Falamos sobre a história de Maria Clara Machado e um pouco de sua obra. Conversamos sobre a possibilidade de vivências de jogos teatrais com as crianças, valorizando as dimensões culturais, artísticas e expressivas dessa arte. Nesta seção, falaremos um pouco sobre a música e a dança como patrimônio cultural da humanidade e como essas manifestações podem estar presentes no dia-a-dia da creche, pré-escola e escola em suas mais diversas formas de expressão.



ATIVIDADE 6

- a) Você tem ouvido música com as crianças? Que ritmos estão mais presentes? Vocês cantam? Dançam? Quais são as músicas preferidas do seu grupo? Faça uma lista destas músicas e leve para o encontro quinzenal. Será uma oportunidade de ampliar o seu repertório musical e trazer novas canções para as crianças.
- b) Descreva algumas das formas que você tem buscado incluir o corpo nas músicas, nas danças, o “movimentar-se humano” no dia-a-dia de seu trabalho. Procure identificar o que tem justificado a presença desses conhecimentos na Educação Infantil.

Professor(a), vejamos a transcrição da conversa realizada entre crianças de 4 anos e a professora:

“Eu queria mesmo saber é por que existe música?”, disse Luís Fernando, interrompendo uma das nossas atividades durante a aula.

“É ...essa é uma boa pergunta!”, respondi.
“Quem saberia responder?”

“Pra deixar a gente animada”, disse Mariana, da mesma idade, após uma reflexão muito rápida.

“Pra animar a gente, é?” Perguntei.

“Posso falar uma coisa?” interveio Ivan. “Não é só pra deixar a gente animada, não, porque tem música que a minha mãe canta pra mim e pro meu irmão na hora de dormir, e a gente dorme. Tem música que é pra fazer a gente ficar calmo, com sono.” (...)

“Que tipos de músicas existem?”

“Música de casamento, música de festa de aniversário, de filme, de videogame, de soldado, de dançar, de medo...” foram, aos poucos, arriscando.

Continuamos nossa discussão fazendo um levantamento dos muitos tipos de música que o grupo foi lembrando.



Este relato foi escrito no livro “Música na Educação Infantil”, escrito por Teça Alencar de Brito. Sua proposta com o livro é refletir sobre a presença e o porquê do som, do silêncio e da música na vida de cada um e, especialmente, na Educação Infantil. Podemos nos inspirar nessa conversa e trazer esse debate para a nossa prática. O que será que as crianças pensam sobre a música?

Alguns elementos envolvidos na música são o som, o silêncio, o ruído, o tom, entre outros.

ATIVIDADE 7



- a) Vamos fazer um exercício? Feche os olhos durante três minutos e procure se concentrar nos sons que você ouve. Abra os olhos e registre sua experiência em seu caderno. Experimente fazer essa atividade com as crianças.

- b) Faça uma expedição com as crianças pela escola. Registre os sons que vocês ouvirem.

Professor(a), nossa vida está cercada de sons. Alguns deles são produzidos pelo ambiente e, outros, por nosso corpo. O silêncio é considerado a ausência de som ou os sons que não conseguimos ouvir. E a música? Existem muitas definições para música. De acordo com o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, música é “Arte e ciência de combinar sons de modo agradável ao ouvido”. Mas o que é agradável para uns pode não ser agradável para outros, não é mesmo? Você, por exemplo, gosta de todos os ritmos? Qual é o seu tipo de música favorito? Você toca algum instrumento? Já participou de um coral? Canta no chuveiro? Você se recorda da presença da música na sua infância? Pense na sua experiência com a música.

Música é linguagem, é expressão, é sentimento que reflete a consciência, o modo de perceber, pensar e sentir dos indivíduos, da comunidade, das culturas e das religiões em seu processo sócio-histórico (BRITO, 2003. p. 28).

As músicas, a dança, o teatro e outras manifestações culturais constituem ricas formas de experimentação do mundo, de compartilhamento corporal de conhecimentos, memórias, valores, conceitos e preconceitos, com todas as suas marcas e tensões. Ao experimentar e se apropriar do mundo, fazemos parte de sua história, tornamo-nos sujeitos, podemos desconstruir discursos e construir novos até então inimagináveis.

Que tal tentar transformar os sons do corpo em música? Isso foi o que fez o Grupo Barbatuques em seu CD "O corpo do som". O trabalho da banda paulista de percussão corporal pode nos incentivar a pesquisar diferentes timbres e recursos rítmicos corporais. Experimente bater palmas em diferentes partes do corpo como boca e bochecha e produza sons! Você pode também ampliar os recursos trazendo objetos do cotidiano para a sala e experimentar os sons que eles produzem.

Uma alternativa é conciliar a música com o teatro. Aquela dramatização das crianças pode ganhar outros significados se for escolhida uma trilha sonora ou se ganhar uma sonoplastia. Uma chapa de radiografia, por exemplo, pode reproduzir o som de trovões dando um tom de suspense e enriquecendo o enredo da brincadeira. Podemos utilizar cocos para imitar a marcha de um cavalo e sementes para reproduzir o som das águas. Busque na natureza, experimente objetos e os sons que eles produzem. Você já construiu instrumentos musicais de sucatas com as crianças? Essa pode ser uma interessante proposta que estimula a produção de sons e a pesquisa de ritmos, além de valorizar a imaginação, a organização e o planejamento das crianças.

Você conhece a história dos Saltimbancos? Ela foi escrita pelos irmãos Grimm e adaptada para o teatro brasileiro por Chico Buarque.

Chico Buarque é um importante compositor e intérprete da música popular brasileira. Já vimos trechos de suas músicas ao longo do curso.

A história "Os Saltimbancos" fala sobre a trajetória de um cachorro, uma gata, uma galinha e um burro que fogem de suas casas e donos e vão para a cidade tentar a vida como músicos.



Que tal propor para as crianças que elas, assim como os Saltimbancos, se organizem como uma banda e se apresentem para os outros amigos? Podemos utilizar instrumentos feitos por elas!

Existe uma infinidade de propostas que envolvem a música na Educação Infantil. Nosso desafio é trazer os diferentes ritmos e estilos musicais para o cotidiano das crianças. O Brasil possui uma enorme variedade musical que foi influenciada e influencia a música de outros lugares do mundo. Traga para a sua sala diferentes ritmos, sons e tipos de músicas. Você já pensou em trabalhar com ópera com as crianças?

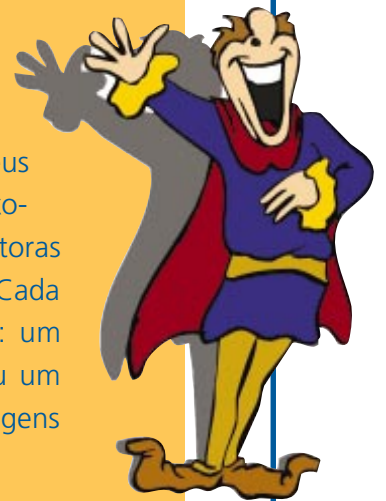
Ópera é um gênero artístico que consiste em um drama encenado com música.

O drama é apresentado utilizando os elementos típicos do teatro, tais como cenografia, vestuários e atuação. No entanto, a letra da ópera (conhecida como libreto) é cantada em lugar de ser falada. Os cantores são acompanhados por um grupo musical, que em algumas óperas pode ser uma orquestra sinfônica completa.

A ópera tradicional consiste em duas modalidades de canto: recitativo, declamação e ária – esta última refere-se a composições para voz solista. Composições curtas para uma voz também se denominam ariosos. Cada tipo de canto tem acompanhamento de orquestra.

Os cantores e seus personagens são classificados de acordo com seus timbres vocais. Os cantores masculinos classificam-se em baixo, baixo-barítono (ou baixo-cantor), barítono, tenor e contratenor. As cantoras femininas classificam-se em contralto, mezzosoprano e soprano. Cada uma destas classificações tem subdivisões, como por exemplo: um barítono pode ser um barítono lírico, um barítono de caráter ou um barítono bufo, os quais associam a voz do cantor com os personagens mais apropriados para a qualidade e o timbre de sua voz.

<http://pt.wikipedia.org>



Existem alguns livros que são adaptações de óperas para as crianças. Um deles é Pedro e o Lobo, escrito por Sergei Prokofiev e Josef Palecek. Clássicos de Mozart, como “A Flauta Mágica”, também já foram adaptados em uma coleção que se chama “As mais belas óperas para crianças”, da editora Salamandra. Existe também a coleção “Crianças Famosas”, da editora Callis, que apresenta a vida e a obra de grandes compositores da música erudita e também da música popular.

A música é uma das expressões mais presentes na Educação Infantil. Mas como ela é utilizada? As músicas são valorizadas enquanto prática cultural? Quais as relações que fazemos entre cantar uma música e executar uma tarefa? Cantar músicas para ir para o lanche, para lavar as mãos, para a hora da saída, ou seja, músicas que orientam as ações das crianças e disciplinam seus corpos têm uma intencionalidade pedagógica e trazem uma concepção de criança e de educação. Silêncio, ordenamento do ritmo e do deslocamento e rotina de agradecimentos revelam conhecimentos e comportamentos que as crianças aprendem e incorporam. Podemos organizar o tempo e o espaço para possibilitar experiências e conhecimentos ou rotinizar formas de controle da ação das crianças. Pensar no corpo e no movimento é,

também, estarmos atentos a um processo de formação humana em que possamos nos expressar de forma autônoma, consciente e criativa.

Vivemos diante do desafio permanente de pensar como podemos organizar os tempos e os espaços em nossas instituições de forma a ampliar nossa sensibilidade, nossas relações e enriquecer nossas percepções do mundo, dos(as) colegas(as) e dos nossos corpos, experimentando relações mais delicadas. Uma estratégia para superar esse desafio pode ser partilhar com as crianças de um sem fim de histórias, de músicas, de contos, de brincadeiras de faz-de-conta, de casinha, de festas populares, da riqueza de nosso folclore etc.

E não basta escolher para as crianças e convencê-las a fazer. É fundamental possibilitar que as crianças realizem escolhas, decidindo junto com o(a) professor(a) com quem, onde e como querem e precisam viver e expressar suas ações. Só assim nos reconhecemos nos processos de construção do conhecimento. As crianças aprendem quando indagam e expressam sua curiosidade.

O movimento é uma necessidade das crianças. As crianças precisam correr, tocar, explorar tudo que as cerca. Com seus corpos e relações, as crianças vão apontando os caminhos necessários à elaboração dos projetos e dos conteúdos de ensino que vão compor nossos currículos.



O movimento das crianças, diferente do que muitos pensam quando o relacionam com bagunça e descontrole, coloca-se como ponto de partida para a organização e sistematização do conhecimento, abrindo brechas para que elas falem, se relacionem, se arrisquem, se avaliem, lidem com suas frustrações e reconheçam suas conquistas.

Professor(a), você tem o hábito de dançar? Realiza atividades que envolvem danças?

Assim como o teatro e a música, a dança é uma prática cultural. Desse modo, deve ser vivenciada em todas as suas possibilidades. Você já trouxe imagens de espetáculos de dança para a sala de aula? No texto de OTP, veremos um pouco do trabalho do pintor Degas. A dança é um tema freqüente em suas obras. Que tal fazer uma releitura corporal de um de seus quadros? As crianças podem dançar como na tela de Degas.



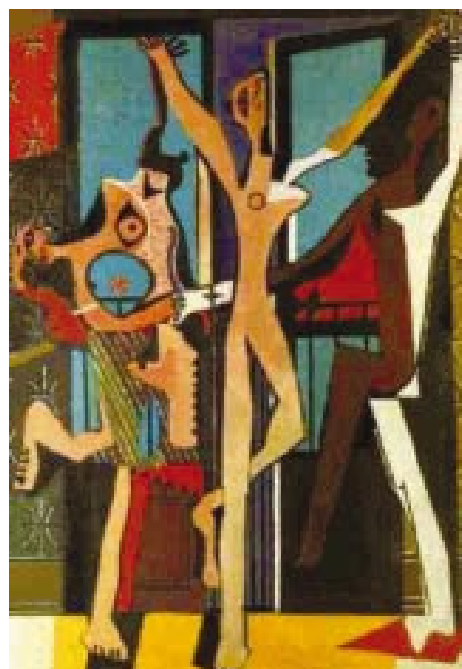
"Aula de dança" – 1871 – <http://cgfa.sunsite.dk/degas/index.html>

ATIVIDADE 8



Organize uma vivência corporal para as crianças do seu grupo. Selecione diferentes ritmos e deixe o corpo bailar ao som dos ritmos, crie movimentos. Escreva a sua experiência no seu caderno.

Outra possibilidade é pesquisar as danças populares da região e do folclore e trazê-las para as crianças. Professor(a), quando você for planejar o seu próximo projeto, pense em que possibilidades o tema traz para o trabalho com o teatro, a música e a dança. Vamos terminar esta seção com a imagem da obra "As três dançarinas", de Pablo Picasso. Quem sabe esta reprodução não te anima a criar um projeto com essas expressões!



Pablo Picasso, "As três dançarinas"

Seção 3 – Música, dança, teatro: o gesto e o “movimentar-se humano” como linguagem

OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO:

- COMPREENDER A MÚSICA, A DANÇA E O TEATRO COMO LINGUAGENS COM PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO E COMPARTILHAMENTO DE EXPERIÊNCIAS CULTURAIS, DIMENSÃO FUNDAMENTAL DO DESENVOLVIMENTO E FORMAÇÃO HUMANA.



Professor(a), nesta seção enfatizaremos a Educação Infantil como lugar e tempo de compartilhar experiências e produzir da cultura. Práticas culturais, como a dança e a música, não são conhecimentos prontos e acabados. A transmissão da cultura é uma responsabilidade fundamental do(a) professor(a). Mas a tarefa pedagógica não se esgota na escolha de conhecimentos a serem transmitidos.

Ao reconhecer as danças, as músicas, o gesto, enfim o “movimentar-se humano” como construções sociais, devemos incluí-las de modo intencional no cotidiano da escola. Mas é preciso critérios na escolha do repertório, pois algumas danças e músicas que entram nas creches, pré-escolas e escolas, por vezes, têm um apelo erótico e estimulam o consumo. O espaço da escola pode ser um local de valorização e conhecimento de danças, ritmos e outras formas de expressão que estão presentes nas diferentes regiões de nosso país e que, muitas vezes, são esquecidas e desvalorizadas.

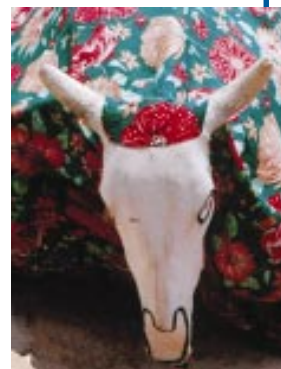
Vejamos o exemplo das Festas do Boi. O Boi é brincado em todas as regiões do Brasil. Uma mesma história é contada em diversos estados e com várias versões.



ATIVIDADE 9

Procure pesquisar o enredo da Festa do Boi da sua região e de outras regiões do país e anote-o em seu caderno. Esse pode ser um interessante tema para um projeto de Educação Infantil. Este projeto valorizaria a riqueza do folclore brasileiro, além de resgatar uma cultura eminentemente nossa. Junto com a história do boi, poderíamos também enveredar por diferentes manifestações culturais ou por conhecimentos que envolvem os estados brasileiros. Que tal se, ao pesquisarem sobre o Boi de Santa Catarina, o Boi Mamão, as crianças

tivessem a oportunidade de experimentar diferentes frutas brasileiras ou se, ao conhecerem a riqueza de sotaques rítmicos que envolvem o Boi do Maranhão, pudessem também conhecer a energia de outro ritmo que pulsa naquela região, o Caruriá? Está lançado o desafio!



O Boi está presente na época do Natal, nas festas juninas e em outras comemorações. No Maranhão, por exemplo, durante as festas juninas, as praças ficam repletas de bois, que contam a história do Pai Francisco, que para satisfazer ao desejo de sua mulher, a grávida Catirina, rouba a língua do boi de seu patrão e arma a maior confusão! Os festejos que envolvem os meses de junho, julho e agosto têm diferentes significados que se expressam em diversas práticas populares. Um exemplo muito presente destes festejos nas creches, pré-escolas e escolas são as quadrilhas. Vamos ao relato abaixo:

A festa junina este ano foi experimentada pelas crianças como um projeto de ensino da escola. A quadrilha foi vivida no dia-a-dia da creche. Construíram as fantasias, escolheram as músicas, conheceram alguns passos típicos. A maioria das crianças quis participar. No momento do ensaio para a apresentação final, porque outras apresentações já haviam sido realizadas na escola, não houve uma coreografia forjada de última hora. Expressões tradicionais desse tipo de dança, como "caminho da roça", "olha a chuva", "caracol", foram ensinadas às crianças ao longo das aulas. Também não houve a exigência de um jeito certo de fazer os passos. As crianças faziam os gestos que davam conta de dançar, e cada uma a seu modo. O ensaio na escola não parecia um treinamento de algum número para os pais. Percebia-se que era gostoso estar dançando, as crianças e as professoras envolvidas. No dia da festa aberta à comunidade, dançaram para todos os presentes. Mas não foi um espetáculo. Fizeram o que haviam feito na escola e aprendido de forma significativa: dançaram e compartilharam a festa.



Este relato ajuda a pensar sobre como trazer determinadas práticas culturais para o interior da Educação Infantil. O trabalho pode envolver todos: crianças, professores(as) e comunidade.

Ao propormos uma reflexão sobre o lugar e as possibilidades da presença de música, dança, do teatro e outras formas de arte na escola como processos de inserção em um tempo-espaço plenamente social, lembramos que nossa formação humana pode se tornar mais ampla quanto mais ricas forem as experiências que pudermos compartilhar e os conhecimentos dos quais nos apropriarmos.

Lembramos, também, que as músicas, as danças e as festas, como práticas culturais, envolvem relações de gênero, raciais, etárias, diferenças corporais, nossa sexualidade, nossos preconceitos, nossas dificuldades etc. Tudo isso atravessa a cena educativa e reclama envolvimento e intervenções lúcidas e intencionais que anunciem novas maneiras de agir, de cuidar do outro e de experimentar o mundo.

Em nossas práticas, podemos estar instituindo papéis que, muitas vezes, podem limitar as experiências das crianças. Podemos compartilhar a experiência do teatro, da dança e da música, juntos, meninos e meninas, adultos e crianças.



ATIVIDADE 10

Descreva algumas das situações e questões que as crianças trazem, envolvendo temas como a sexualidade, diferenças entre meninos e meninas, entre ser branco ou negro, entre outras diferenças sociais e corporais.

PARA RELEMBRAR

Vamos lembrar o que estudamos neste texto da Unidade 4.

- Inicialmente, enfatizamos o lugar social dos corpos dos sujeitos e do “movimentar-se humano” que se realiza em gestos, ritmos, músicas, danças, dramatizações etc., ressaltando diferentes olhares e perspectivas para a realização de uma educação corporal, refletindo sobre a importância do movimento na educação das crianças.

- Procuramos discutir as origens históricas do divórcio entre corpo e mente e entre razão e emoção. Buscamos, também, refletir sobre o lugar e a importância que temos atribuído, em nossas escolas e em nossos projetos pedagógicos, ao corpo, ao movimento e à expressão de nossos sentimentos e afetos.
- Falamos sobre a diversidade cultural que se expressa na forma de danças, músicas, entre outras formas de expressão do corpo e produção cultural. Assinalamos que estes são conhecimentos que se constituem como um patrimônio cultural da humanidade e, por isso, um direito de todos, expressando-se como conhecimento e linguagem, ou seja, como experiências, relações, técnicas e processos de significação e compartilhamento da cultura e, por isso, dimensão fundamental do desenvolvimento e formação humana.

ABRINDO NOSSOS HORIZONTES

Orientações para a prática pedagógica

A seguir, trazemos algumas considerações para o trabalho com a dança, a música e o teatro na escola:

Trabalhando a dança, a música e o teatro na escola

- Pesquise e elabore um acervo rico de danças, textos, imagens, músicas e ritmos. Façam entrevistas, conversem com as pessoas do bairro, resgatem as histórias das comunidades onde as crianças vivem.
- Eleja temas que possam orientar projetos, festas e outras formas de organização do conhecimento.
- Envolver as crianças na pesquisa e na identificação destes conhecimentos.
- Faça perguntas, ouça as perguntas das crianças, formule novas questões, estimule a curiosidade, a criatividade e a inventividade das crianças.
- Reconheça interesses, gostos e desejos das crianças.
- Busque ampliar o universo de conhecimentos que geram desejos e necessidades corporais e de movimento nas crianças.

- Partilhe com elas danças, músicas e ritmos variados. Dance junto, dramatize, produza sons com diferentes objetos e com o próprio corpo.
- Estabeleça relações com a cultura e o contexto das crianças.
- Ajude-as a compreenderem sua cultura e história.
- Valorize a identidade cultural que trazem.
- Decida junto com as crianças o que irão experimentar e aprender.
- Possibilite-as inventarem movimentos, gestos, jeitos de dançar, encenar, representar e se movimentar.
- Garanta o aprendizado de técnicas (maneiras de fazer) que possibilitem às crianças realizarem movimentos e gestos com maior facilidade.
- Permita que as crianças inventem suas próprias técnicas e maneiras de dançar, expressar, produzir ritmos e sons.
- Trabalhe com as crianças a expressão de suas singularidades. Mas não se esqueça da produção coletiva dos gestos, dos movimentos, das relações, das dramatizações e da escolha dos temas. Os significados e sua compreensão emergem das relações compartilhadas, reconhecidas e apropriadas.
- Estabeleça sempre que possível relações com o trabalho de outros(as) professores(as) e conhecimentos escolares.
- As possibilidades de trabalhar a dança, o teatro, a música e o movimento na escola são infinitas.

GLOSSÁRIO

Corporeidade: reconhecimento dos sujeitos em sua totalidade; os sujeitos e seus corpos.

Educação corporal: educação que atravessa os corpos dos sujeitos, instaurando significados que absorvem sentido em um contexto tanto escolar específico quanto cultural mais amplo.

Modernidade: a modernidade é caracterizada por um período no qual o homem se concentra na busca por explicações racionais sobre os fatos, questionando as explicações que tinham como eixo os fatores divinos e religiosos.

“**Movimentar-se humano**”: expressão corporal como linguagem; práticas corporais afirmadas como conhecimentos construídos historicamente, que abarcam práticas culturais como as ginásticas, os esportes, as danças, as brincadeiras, as lutas, entre outras, compreendidas como componentes curriculares que precisam ser tratados na especificidade das experiências escolares, o que, na Educação Física, passou a ser denominado “Cultura Corporal de Movimento”.

SUGESTÕES PARA LEITURA

ARROYO, Miguel. Ofício de mestre: imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2000.

COELHO, Raquel. Teatro. Belo Horizonte: Formato, 1999.

DAÓLIO, Jocimar. Da cultura do corpo. Campinas: Papirus, 1995.

DESGRANGES, Flávio. O teatro do sem jeito manda lembranças: um pequeno estudo sobre o espectador do teatro épico. In: KRAMER; LEITE (Orgs.). Infância e produção cultural. Campinas, 1998. p. 43-75.

GERES, Adèli. A flauta mágica; e, Turandot/ [adaptações]. Rio de Janeiro: Salamandra, 2000.

MICKLETHWAIT, Lucy. (org.). Para criança brincar com arte. Rio de Janeiro: Ática, 1997.

RACHLIN, Ann, HELLARED, Susan. Crianças famosas: Mozart. São Paulo: Callis, 1993.

ROSA, Nereide, SHILARO, Santa. Festas e tradição. São Paulo: Moderna, 2001.

SOUSA; VAGO (orgs.). Trilhas e partilhas: educação física na cultura escolar e nas práticas sociais. Belo Horizonte: Cultura, 1997.

VAGO, Tarcísio Mauro. Cultura escolar, cultivo de corpos: Educação física e gymnastica como práticas constitutivas de corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, Teca Alencar de. Música na educação infantil – proposta para a formação integral da criança. São Paulo: Peirópolis, 2003.

ENDE, Michael, HECHELMANN. O teatro de sombras de Ofélia. São Paulo: Ática, 2004.

FREIRE, Madalena. A paixão de conhecer o mundo. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. Os cinco sentidos. Belo Horizonte: Miguilim, 1999.





ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO CORPO E MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Voltei então a me empolgar pelas aventuras de Tarzã ou pelas desventuras de Robinson Crusóe. Tinha vontade de imitá-los. Era pensando em Tarzã que eu subia na mangueira, dava meu grito da selva e saltava de galho em galho, chegando mesmo a passar, pendurado em uma corda como se fosse um cipó, para mangueira do vizinho, do outro lado do muro. E como se fosse Robinson Crusóe na sua ilha deserta é que resolvi construir uma cabana no fundo do quintal.

Fernando Sabino¹



¹ SABINO, Fernando. Menino no espelho. Rio de Janeiro: Record, 1993.

ABRINDO NOSSO DIÁLOGO

Professor(a),

Neste texto, buscaremos compreender a importância do corpo para as crianças de 0 a 6 anos e para você, professor(a), que contribui e interfere no crescimento delas.

Vamos começar trazendo duas situações: na primeira, entramos em uma turma de Educação Infantil e as crianças estão correndo, sem que essa seja a proposta. Elas passam por baixo da mesa, derrubam os brinquedos e esbarram nas outras crianças. Vendo essa cena, podemos sentir que as crianças estão aceleradas demais e podemos até ficar atordoados com tanto **movimento**! A outra cena chama atenção exatamente pelo contrário. Ao entrarmos na sala, o que encontramos são crianças sentadas em cadeiras enfileiradas atrás das mesas, em silêncio, durante um longo período de tempo. O que podemos pensar sobre as duas situações? Na primeira cena, parece que o movimento corporal é algo desgovernado que pode perturbar os adultos e até mesmo as crianças; na outra cena, parece que o movimento das crianças é silenciado por uma prática que desconsidera a relação do corpo na aprendizagem infantil.

Como podemos construir uma prática que encontre lugares para o corpo, compreendendo a importância das sensações e do movimento no dia-a-dia com as crianças?

Convidamos você, professor(a), a olhar para o corpo como produtor de relações, conquistas e aprendizagem. É com o corpo que a criança apreende o mundo. Como? Movimentando-se! Quando ela se movimenta, toca, experimenta sabores, odores, objetos, sua pele e a do outro, vai expandindo o corpo, as emoções, as sensações e, assim, conhecendo a si e o meio em que vive.

Podemos atuar acompanhando e potencializando as relações com o corpo e as expressões das crianças, favorecendo vínculos que levem em conta a expressividade e o contato. Neste texto, vamos conversar sobre estes desafios! A ideia é que você busque relações com as linguagens das crianças, ou seja, o corpo e sua diversidade de expressão.



DEFININDO NOSSO PONTO DE CHEGADA

Objetivos deste texto:

1. Compreender o movimento da criança, chamando a atenção para o universo sensorial, afetivo, cognitivo, imaginário, expressivo.
2. Reconhecer as múltiplas linguagens corporais e suas possibilidades de interação com a natureza e a cultura, valorizando a fala, a brincadeira e a exploração de sons e movimentos produzidos com o próprio corpo, com elementos da natureza e com objetos do cotidiano.
3. Compreender a importância de ampliar as possibilidades de experiências culturais de crianças e adultos, reafirmando o valor da arte e da convivência.
4. Compreender a importância dos espaços e tempos favorecerem o livre movimento do corpo na Educação Infantil.

CONSTRUINDO NOSSA APRENDIZAGEM

Você já parou para observar o quanto as crianças usam o corpo no dia-a-dia? Elas estão sempre correndo, pulando, brincando, falando, cantando, batendo, brigando, tocando em tudo e em todos, não é? O corpo das crianças não pára. Elas usam e abusam de suas possibilidades. É assim que descobrem a si e, paralelamente, o mundo. Ao mesmo tempo, este corpo precisa ser cuidado e olhado para que possamos perceber suas expressões e limites.

É claro que, na relação com o outro, o limite é importante! É importante parar e escutar alguém falar. É preciso cuidado para não se machucar num pulo de um lugar alto. Se me embolo corporalmente com um(a) colega, tenho que ter cuidado para não machucá-lo(a). Enfim, os limites podem ser construídos nos relacionamentos! A necessidade do limite coloca-se no momento de cuidado comigo e com o outro. Mas, muitas vezes, na escola, os limites estão todos definidos de antemão pelos adultos: não pode correr, não pode pular, não pode falar alto. Assim, o corpo vai sendo calado, modelado e padronizado.

O movimento é uma forma de **expressão**. A necessidade de parar o corpo, geralmente, é do adulto, que, muitas vezes, vê seu trabalho assegurado numa rotina em que os hábitos, os gestos, os percursos e os conhecimentos são pré-estabelecidos sempre.

Muitas práticas são fundamentadas na crença da padronização dos corpos, dos movimentos, das respostas, como se todos pudessem responder a um estímulo da mesma maneira. Nas seções que se seguem, vamos buscar a expressão no corpo das crianças, questionando nossas formas de contato com elas: como podemos favorecer a expressão? Qual o lugar do limite?

Seção 1 – O corpo em movimento

OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO:

- COMPREENDER O MOVIMENTO DA CRIANÇA, CHAMANDO A ATENÇÃO PARA O UNIVERSO SENSORIAL, AFETIVO, COGNITIVO, IMAGINÁRIO E EXPRESSIVO.

Ao longo de todo o curso, temos proposto que o trabalho pedagógico esteja centrado não apenas no(a) professor(a), nem apenas na criança, mas sim nas relações sociais entre criança-criança, criança-professor, criança-conhecimentos-professor. Neste contexto, o lugar do corpo e do movimento como formas de contato e expressão precisa estar assegurado!

O corpo apresenta uma **linguagem** porque, através dela, nas mais diversas manifestações, como a dança, o gesto, a mímica e a expressão facial, expressamos significados. O corpo fala, manifestando emoções, idéias e sentimentos. As nossas emoções determinam campos de ação e formas de comunicação. Como podemos levar em conta essa forma de expressão em nosso dia-a-dia?

Podemos descobrir o corpo como expressão de afeto. O corpo do adulto e o corpo da criança afetam um ao outro. Assim, sempre que você propuser algo para uma criança, é importante prestar atenção no seu próprio pedido (o que você quer) e para as infinitas possibilidades de respostas (o que as crianças estão dizendo, pedindo, questionando etc.). Ao escutar o que elas estão dizendo, tente considerar



Priscilla Silva Nogueira

as construções, organizações, conhecimentos e pensamentos delas, ou seja, as experiências que elas possuem.

É importante também observar o lugar que seu corpo ocupa nas relações com as crianças: você olha no olho delas? Disponibiliza o seu corpo nas brincadeiras? Escuta as propostas das crianças e compromete-se com elas?

ATIVIDADE 1

No seu dia-a-dia, como você faz para se aproximar mais das crianças com quem trabalha? Você produz situações de aconchego corporal? Como? Você pode escrever sua resposta em seu caderno.

O aconchego corporal acontece quando estamos de corpo inteiro na experiência compartilhada, ou seja, quando vivemos uma relação com o outro. Um aconchego comum e presente na nossa cultura é o colo. Nele, há troca de temperatura, carinho, sentimentos, enfim, um encontro de corpos como retratado na reprodução da obra de Mary Cassatt, "Depois do banho".



Mary Cassatt, "Depois do banho"

Além do aconchego como forma de contato corporal, também é importante estarmos atentos à expressão e ao movimento da criança para percebermos a multiplicidade de sentidos e significados que ela manifesta. Com o corpo, a criança trepa, pula, desenha, imita, pinta, rola, escreve, lê e faz mil estripulias, comunicando muitas coisas.

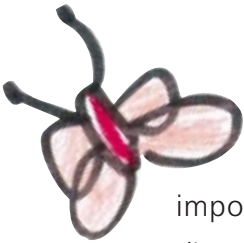
O corpo é composto por uma diversidade que o faz complexo e rico. Podemos compará-lo a uma orquestra sinfônica, onde há diferentes grupos de instrumentos interagindo e produzindo um som. No som final, na música, reconhecemos alguns elementos isoladamente, mas a harmonia dos instrumentos nem sempre distinguimos. A mesma coisa acontece quando buscamos compreender o corpo. Separamos didaticamente alguns grupos ou sistemas para melhor compreendê-lo. Mas sabemos que no movimento e nas atitudes temos um encontro de diferentes campos corporais: o sensorial, o afetivo, o cognitivo, o expressivo. Eles funcionam de forma interligada, produzindo dança, gesto, movimento, conhecimento e muito mais. Vamos procurar diferenciar os diferentes campos corporais para melhor compreendê-los.

O campo sensorial: envolve os sentidos, o sentir. Fisiologicamente, os sentidos se dividem em olfato, paladar, tato, audição, visão e cinestésico (do movimento). É através dos sentidos que recebemos as informações do mundo exterior, criando nossos registros internos. Assim, quando as crianças cheiram, tocam, pulam, comem, elas estão registrando, no corpo, as sensações que fornecem a elas um conhecimento da realidade, além de um repertório de imagens, gostos, formas e sentidos.

Para explorar essa diversidade, você poderia organizar a sala com estímulos que favorecessem alguns sentidos, como um cheiro no ambiente (flores, colônia, ervas, frutas), diferentes texturas (panos, lixas, isopor), música e instrumentos sonoros, imagens (desenhos, pinturas) etc.

Além disso, você poderia propor uma exploração pelos sentidos. Por exemplo, o paladar, fechando os olhos e experimentando algo doce (mel), salgado (sal) ou amargo (limão). Da mesma forma em relação ao tato, experimentando diferentes texturas e temperaturas. Para experimentar o cinestésico, você poderia movimentar o corpo embalado por uma canção ou mesmo pelo silêncio, com os olhos vendados. Que tal uma atividade na qual as crianças tenham que adivinhar o que está dentro de um saco utilizando somente as mãos?

Para pesquisar cada sentido, é importante que algum outro esteja bloqueado, ou seja, vender os olhos, tapar os ouvidos etc. Quando bloqueamos um, percebemos a



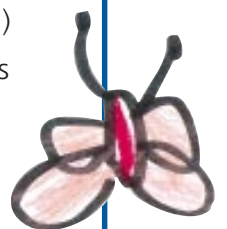
importância do outro, dando-nos conta da diversidade sensorial que nos afeta e enriquece nossa experiência. A criança precisa tocar, sentir e visualizar para relacionar e desenvolver seus conhecimentos e potencialidades. É importante que ela seja convidada a expor o que sentiu sobre os gostos, as texturas, os cheiros, elaborando e integrando o mundo de sensações que a compõe. Para isso, você pode pedir que comente sobre o que sentiu ao usar materiais plásticos, como a pintura ou o desenho, para essa expressão.



Como tudo que entra no conhecimento humano entra pelos sentidos, a primeira razão do homem é uma razão perceptiva, ela é que serve de base à razão intelectual: nossos primeiros mestres de filosofia são nossos pés, nossas mãos, nossos olhos. (ROUSSEAU, 1992)

O campo expressivo: está presente quando as relações das crianças com o conhecimento podem ganhar movimento e espaço, externalizando-se. As crianças expõem os seus desejos, vontades, medos, curiosidades, os sentidos que produzem sobre a realidade. Por exemplo: quando elas brincam, dramatizam, inventam histórias, criam relações inusitadas entre os objetos e muito mais. É importante abrirmos canais para a exposição do que sentem e pensam. Nestes momentos, podemos perceber suas sensações, emoções e idéias.

Provavelmente, se você convidar as crianças a criarem, colocando para fora o que só existe na imaginação delas, as primeiras expressões podem ser tímidas e presas ao conhecido, ao que é esperado. Por quê? Porque ninguém cria do nada. Criar o novo é algo implicado com a diversidade das experiências já vividas e com a segurança nos relacionamentos. As crianças precisam confiar no potencial que têm, precisam ter suas idéias e movimentos valorizados. Então, para criar um bicho que só exista na imaginação delas, vão desenhar ou dramatizar algo parecido com cobra, cavalo, cachorro, os animais que elas mais gostam e conhecem. Depois, com uma atitude desafiadora do(a) professor(a), elas poderão produzir monstros, animais diferentes, florestas, mundos surpreendentes, integrando o já conhecido com o novo, algo só delas.



Você poderia trazer as expressões para o grupo, a fim de valorizá-las, criando um painel ou uma roda onde cada um fale ou represente o que produziu. Trata-se de instigar as crianças a olharem para as suas produções e as dos(as) amigos(as), opinando, discutindo, dando dicas e, principalmente, expondo e expressando o que vêem e sentem.

O campo afetivo: afetamos o outro e somos afetados cotidianamente com palavras, gestos ou olhares, provocando encontros, conflitos e relacionamentos. Estamos no terreno dos afetos quando a raiva, o medo, a vergonha aparecem como fruto das experiências com o outro; quando nos afetamos com uma imagem, som ou com o companheiro. O afeto “pede” canais de expressão, seja com palavras, desenhos ou gestos. É importante que ele possa ser manifestado, acolhido, considerado.

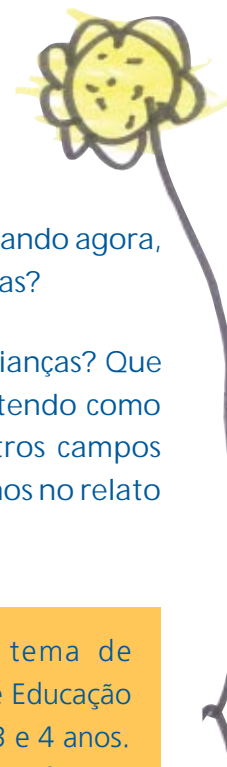
O campo cognitivo: podemos defini-lo como aquilo que se apreende de uma experiência, o que se constrói como representação da realidade pelas vias do corpo. Afinal, corpo e mente não se separam. Aprender não é trazer o mundo exterior para dentro da mente daquele que aprende, mas sim, permitir que o corpo seja afetado por estímulos externos e altere a ordem interna do sujeito, modificando-o, ao mesmo tempo em que ele poderá modificar o mundo exterior.

Pense numa criança que está aprendendo a tocar um instrumento, o violão, por exemplo. Inicialmente, ela precisa pensar no movimento e sua ordem para realizá-lo (precisa até de uma pauta musical). O corpo funciona com muito esforço. É como se pensar e fazer estivessem separados nesse momento. Ela pensa e depois faz. Mas aprender a tocar não é aprender a seguir regras. Relaciona-se com encurtar a distância entre pensar e fazer, raciocinar e tocar. Ou seja, busca-se uma integração cada vez mais fluída entre o movimento do corpo e a música a ser executada. A relação simbólica (intermediada pela pauta musical, por exemplo) passa a ser uma relação direta. O instrumento torna-se um prolongamento da mão. Na ação, o pensamento e o corpo estão diretamente implicados no conhecer e no aprender.

Os campos descritos acima expõem a diversidade e a integração do corpo. Eles apontam para um corpo que estabelece relações. Dessa forma, as ações, sensações, desejos, expressões e cognição estão implicadas umas com as outras no processo de desenvolvimento e crescimento de todos nós, seres humanos.

Em nosso cotidiano com as crianças, é preciso prestar atenção no que elas dizem e como se movimentam, como expressam idéias e sentimentos com palavras e ações, revelando afetos, emoções e sentidos.

ATIVIDADE 2



- a) Pense no último encontro que você teve com as suas crianças. Olhando agora, como você poderia descrever a presença do campo afetivo delas?
- b) Como você poderia fazer para aguçar o campo sensorial das crianças? Que tal retomar uma proposta do Módulo II e montar um projeto tendo como foco os sentidos? Ao final, você poderá perceber que os outros campos sensoriais também estiveram presentes no trabalho, como veremos no relato a seguir:



John William, "Alma das Rosas"

Os sentidos foram o tema de projeto de uma turma de Educação Infantil com crianças de 3 e 4 anos. O objetivo proposto pela professora foi vivenciar diferentes formas de comunicação sem fala.

O projeto teve início com a pergunta: existe comunicação sem fala? Para respondê-la, as crianças vivenciaram várias experiências que envolveram a mímica e os sentidos. Buscando ampliar as possibilidades do projeto, as vivências relacionadas aos sentidos estiveram aliadas a observações de reproduções de obras de arte que traziam em seu interior uma imagem

que remetia ao tema. O contato com as reproduções das obras de arte teve como intenção despertar nas crianças imaginações, fantasias e lembranças relativas aos sentidos. Foram criadas atividades que envolveram matemática, ciências, interação e diferentes linguagens, como a música, o teatro, o desenho, a pintura e a modelagem. As crianças cheiraram flores como observaram no quadro "Alma das Rosas", de John William, e pesquisaram odores da escola e de seus arredores. Inspirados no quadro "Botas com Cadarço", de Van Gogh, contaram, agruparam, trocaram, esconderam e calçaram sapatos. Após a apreciação da obra "Balcão com Bolos", de Wayne Thiebaud, experimentaram o doce, o salgado e o amargo, além de criarem bolos com sucatas, docinhos com argila e outros elementos existentes em uma festa de aniversário.

Seção 2 – As múltiplas linguagens corporais e sonoras

OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO:

- RECONHECER AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS CORPORAIS E SUAS POSSIBILIDADES DE INTERAÇÕES COM A NATUREZA E A CULTURA, VALORIZANDO A FALA, A BRINCADEIRA, A EXPLORAÇÃO DE SONS E MOVIMENTOS PRODUZIDOS COM O PRÓPRIO CORPO, COM ELEMENTOS DA NATUREZA E COM OBJETOS DO COTIDIANO.

Como já vimos, é com o corpo que a criança estabelece contato com o que está ao seu redor. Sendo assim, para descobrir o mundo que a envolve, ela mexe, remexe, toca, experimenta com a boca, morde, senta, levanta, vai e volta, repete, imita, olha, chora, pergunta, expressa o que sente. Quando estão acordadas, as crianças não param nem um segundo. Este é o seu movimento! Movimento de busca, de encontros e desencontros.

O movimento das crianças busca contato e comunicação, que podem acontecer de diferentes formas, com palavras, toques e olhares. Mesmo de longe, podemos nos contatar através do olhar, da sincronia dos corpos e da sintonia de ações. Estes contatos produzem marcas e experiências, que vão tecendo a história de cada um de nós.

O corpo e a comunicação que com ele estabelecemos são precursores da expressão social mais significativa em nossa cultura: a fala. Além disso, dão suporte e vivacidade à expressão oral, tão valorizada socialmente.

A fala é um tipo de expressão do corpo. Ela possui uma forte função social, pois com ela o homem organiza o real, estruturando a vivência e os pensamentos, podendo coletivizá-los. No entanto, é preciso cuidado para que, ao valorizá-la, não percamos de vista as outras linguagens corporais e sonoras, ou seja, recursos expressivos que comunicam, produzindo significados e contatos. Muitas vezes, as palavras não dão conta de expressar a intensidade dos nossos sentidos e afetos e são enriquecidas pela expressão facial e corporal.

Pense numa criança pequena. Ela não fala, ou seja, ainda não se apropriou da linguagem oral. Seu movimento é sensório-motor e ela explora o mundo através das sensações e dos movimentos. Como ela se comunica com o meio? Através do próprio corpo em ação. As necessidades mais internas, como: sono, fome, dor, prazer, vão aparecendo nos gestos, choros, olhares, balbucios, movimentos. A criança sente e expressa.

Ao mesmo tempo, responde com sorrisos, gestos ou choro às falas e expressões do adulto. Mesmo sem fala há comunicação. Dos movimentos comunicativos, balbucios, olhares, gesto de apontar e busca de objetos e pessoas pelo corpo, brotam as primeiras palavras que impulsionam as possibilidades de comunicação. Esse foi o nosso tema na Unidade 6 do Módulo II.

A criança pequena vai criando um repertório de ação/relação nas trocas com o meio, o que dá a ela uma bagagem – vivência para que ela tenha o que dizer. Assim, abraçar, apertar, beijar, jogar bola e fazer muitos gols, experimentar objetos, todas essas ações são vivências que oferecem suporte ao despertar da fala como comunicação.

ATIVIDADE 3



Professor(a), vamos parar um pouco para pensar sobre a linguagem e a comunicação no nosso cotidiano?

- a) Como você tem explorado a comunicação com seu grupo? Procure criar uma proposta em que o corpo e a vivência possam estar contribuindo para a construção ou ampliação da fala. Caso você goste do resultado, pode inserir essa atividade em seu portfólio.
- b) Quais são as linguagens mais utilizadas pelas crianças quando estão em atividades que não são dirigidas pelo(a) professor(a)? E quais são as linguagens mais presentes em suas propostas para seu grupo?

A criança é corpo! Em alguns casos, fica difícil dizer a linguagem mais usada por elas. Elas falam correndo, param imaginando a próxima brincadeira, desenham o que viveram ou o que imaginam, e tudo isso com muita leveza.



A criança brinca com o corpo e com o meio. É uma linguagem muito própria. Nós, adultos, costumamos estar muito distantes disso. Às vezes, esquecemos que um dia já brincamos. É como se perdêssemos a plasticidade e a multiplicidade de formas de expressão à medida em que somos mais convidados a falar parados (sentados, atrás de mesas), a pensar demais, prever, usar menos os braços, as pernas e as mãos. O corpo do adulto, um dia, foi corpo-criança.

A criança de 0 a 6 anos é acontecimento. Quase não tem “pré-visão”. Assim, vive cada instante inteiramente na relação, ou seja, ela se relaciona com o tempo presente – aqui e agora, expressando-se por múltiplos canais. Muitas vezes, ao longo do desenvolvimento, vai sendo convidada a parar o corpo, a falar ou escrever, deixando de desenhar, pintar, modelar, dramatizar. Assim, torna-se um adulto com menos possibilidades expressivas e de comunicação.

De modo geral, na escola convidamos a criança a planejar e falar o que vai fazer, deixando de lado a possibilidade de ir fazendo e, ao mesmo tempo, ou depois, expressar o significado do que faz. A fala não é a única linguagem do nosso corpo que precisa ser considerada cotidianamente. Se olharmos para as brincadeiras, veremos que elas estão repletas de linguagem. Enquanto brincam, as crianças produzem gestos, expressões faciais, danças e ritmos com significados diversos. Em cada linguagem corporal gerada na brincadeira, por exemplo, há um mundo de sentidos a serem interpretados. As crianças podem estar transformando-se em cobra, árvore, princesa, mãe, médico etc.

Toda brincadeira tem seu som, seu ritmo, seus movimentos, seus gestos. Toda brincadeira tem suas regras, seus combinados, não é? As regras podem ser negociadas na relação com o adulto e/ou com aqueles que estão envolvidos na brincadeira.

Muitas vezes, percebemos que só uma criança “comanda” a brincadeira ou que algumas quase não se mexem ou falam. Para mexer nas relações durante o brincar, experimente fazer perguntas, pode ser uma saída. Por exemplo: “Mas ninguém quer ser a mãe?!” Ou provocar um desconforto: “Ah! Cansei. Só você fala, pula.” Ou dar idéias: “O que vocês acham de brincarmos de...?” É importante favorecer todas as linguagens de todas as crianças em cada brincadeira.

ATIVIDADE 4



E você, professor(a), quando brinca? Retome a atividade realizada no texto de Fundamentos da Educação, na Unidade 7 do Módulo II, em que você descreveu as brincadeiras de sua infância. Quais delas envolviam movimentos? Que tal se você um dia reunir o grupo de professores(as) da sua instituição e sugerir que juntos(as) brinquem de pique, de lenço-atrás, de outras brincadeiras da sua infância que permitam movimentos aos corpos? Você pode pedir também que depois de brincar eles(as) escrevam sobre as sensações e os aprendizados. Leve as anotações para o encontro quinzenal.

A criança, quando brinca, expande o movimento, o corpo e as linguagens, tocando no que há por dentro e por fora de si. Nesta troca, ela vai conhecendo o mundo à sua volta.

No meio de tantas brincadeiras, temos a música, a dança e o teatro.

Todos eles provocam uma intensa expressão de prazer e afetos, além de serem geradores de movimento, imaginação, criação, arte. Como vemos na reprodução do quadro "The dancing class", de Degas:



Degas, "The dancing class"

Edgar Degas nasceu em Paris em 19 de julho de 1834. Filho de uma rica família de banqueiros, inicialmente estudou direito para só depois se dedicar à pintura. Degas retratava seus temas a partir de ângulos incomuns, quase sempre posicionava de forma descentralizada e, em vez de inserir os objetos periféricos de modo organizado no enquadramento da pintura, fazia cortes diretamente sobre eles. O efeito é o de uma fotografia, capturando um momento fugaz. Os objetos semi-aparentes nas bordas do quadro fornecem a ilusão de que a cena continua para além da moldura. Outras obras do pintor:



Degas, "A estrela"



Degas, "Auto-retrato"

A música é uma linguagem universal. Você já reparou? Todo mundo canta, dança, gosta de diferentes músicas. O idioma das letras não limita a experiência com a música. As pessoas deixam o corpo ir ao encontro da melodia! O som produz sensações que reproduzem lembranças, imagens e nos envolvem. Provocar situações em que o corpo possa ser capturado por diferentes ritmos é muito importante. A música é uma poderosa e rica linguagem. Veja algumas possibilidades:

- Escolha uma música, prepare o espaço para o movimento (tirando cadeiras e mesas) e solte o som. Abra um espaço para que as crianças possam escutar um som, um ritmo, uma melodia, uma dança. Convide-as para encontrarem a música nos seus corpos. Não há certo nem errado! Cada um dança do seu jeito. Com esse convite, você vai possibilitar que as crianças vivenciem variadas sensações. Vai favorecer a sua expressão e a sua imaginação. Todos os tipos de música podem estar presentes: música clássica, instrumental, cantada, rock, samba: o que eles já conhecem e algo novo. O novo é fundamental em vários aspectos. Às vezes pode causar estranhamento, mas o contato com outros ritmos e sons aumenta o repertório, possibilitando outros conhecimentos.
- Um dia, por exemplo, você pode escolher uma música que provoque uma lentidão no grupo e convide-o a entrar no ritmo. Você pode também fazer um relaxamento. Experimente propor que, ao som da música, uma criança toque o corpo da outra de forma bem leve, quase imperceptível. Outra sugestão

é que você peça às crianças que deitem no chão e, ao som da música, passe sobre seus corpos um tecido macio, deixando que o pano as envolva. Passe em cada uma de uma vez.

- Em outro momento, você pode explorar as formas de expressão a partir da música. Então, prepare o espaço com papéis, tintas, lápis, canetinhas ou material para colagem, ou o que você tiver e imaginar. Convide as crianças a representarem com aquele material o que sentem a partir da música. Por exemplo: “Como vocês podem representar essa música com as cores, papéis, lápis, enfim, com o material que temos?”. Aqui, você convida o grupo a explorar diferentes formas de expressão das experiências sensoriais.
- Também, para atendermos a expressividade do corpo, podemos criar espaços que contemplem o seu tamanho e expansão. Por exemplo, um canto ou uma parede para que as crianças possam desenhar, pintar, escrever; enfim, deixarem marcas comprometidas com a amplitude do movimento e não somente com o tamanho da folha.
- Pode-se, ainda, deixar que as crianças escutem a música enquanto desenham, brincam no pátio, lancham, alimentando os sentidos, sem relação direta com a proposta, mas envolvendo o grupo numa sintonia.
- Explore os sons do corpo. Experimente encontrar diferentes sons no corpo, por exemplo, os sons da boca, da barriga, do peito. E os sons que vocês podem fazer com o corpo e os elementos da natureza e do cotidiano, como assoprar um bambu, escutar o som do vento, fazer uma batucada com sucatas, descobrir e produzir sons no dia-a-dia. Podemos também explorar os sons do ambiente, assim como a relação entre som e silêncio, a importância de um foco de escuta, quando estamos conversando, e os ruídos da comunicação. Uma proposta interessante para vivermos a experiência dos ruídos existentes na comunicação é a brincadeira de telefone sem fio. Você conhece essa brincadeira? Para brincar, você precisa organizar o grupo em uma roda onde as crianças estejam sentadas. Peça a uma criança para iniciar a brincadeira, falando no ouvido do amigo que está ao seu lado uma palavra ou pequena frase. A brincadeira consiste em passar a mensagem “de ouvido a ouvido” até a última criança da roda. A última criança deverá pronunciar alto o que ouviu e todos verificam se o que foi ouvido foi o mesmo que foi falado pela primeira criança.



É possível perceber que o corpo expressa os sentidos internos com muitos sinais (sopros, respiração, batidas etc.) e não só com a fala. Por isso, é importante valorizarmos as linguagens do corpo e as linguagens sonoras em nosso cotidiano, assegurando a presença da diferença que cada um tem para contribuir no grupo.



ATIVIDADES

Quais as músicas que suas crianças costumam escutar? Como você pode ampliar e diversificar o repertório delas?

A dança acompanha a música como forma de expressão. Nas práticas do folclore, as danças envolvem os adultos e as crianças, como é o caso das cirandas. Vejamos a ciranda retratada por Djanira em sua obra “Festa do Divino” (1960).



Djanira, “Festa do Divino”

A dramatização das crianças também é outro campo em que o corpo é suporte fundamental. Na dramatização, os personagens brotam na hora, enquanto as crianças brincam. O compromisso é com o envolvimento de cada imaginário, materializado num corpo. A dramatização vai se fazendo ao ser feita, a cada encontro. As crianças, quando brincam de papai e mamãe, ocupam tais papéis tendo como inspiração falas e funções dos adultos com quem convivem. Mas fazem gestos, expressando as próprias interpretações do mundo real, recriando cenas do cotidiano. É o campo expressivo, conjugando real e imaginário. Para além do que conhecem e representam, elas brincam e inventam um pouco de tudo. Gatos falam, aparece um lobo na casa da mãe e do pai etc. Muita imaginação que ganha vida no movimento do corpo!

As crianças, ao escutarem histórias, sejam com livros ou sem eles, vão sentindo e experimentando sentimentos como medo, alegria e raiva. Esse conjunto de sensações gera percepções e criam-se imagens. Elas constroem os castelos, as pessoas, o lugar e o tempo (calor, frio) e a realidade vai se transformando. De repente, em pleno sertão brasileiro, estamos todos de casacos, ou com os corpos tremendo de frio, escondendo do urso, ou somos princesas à espera de um belo príncipe a cavalo.

Você pode usar e abusar das dramatizações com o seu grupo. Represente com eles. Apresente para outros grupos da escola. Se tiver algum grupo de teatro na sua cidade, vá vê-los, leve as crianças ou convide o grupo para ir até a sua escola. Peça na sua prefeitura alguma ação que contemple essa linguagem riquíssima para adultos e crianças.

ATIVIDADE 6

Você já presenciou uma dramatização do seu grupo de crianças? Conte-a aqui. Como poderia enriquecê-la? Com que materiais? Com que intervenções?

Música, dança e dramatização são linguagens ricas para o desenvolvimento infantil. Elas se integram e possibilitam expressões variadas.



Priscilla Silva Nogueira



Seção 3 – Folclore e práticas culturais – um encontro de regiões, cidades, adultos, idosos, crianças, bichos, espaços, tempos e muito mais

OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO:

- COMPREENDER A IMPORTÂNCIA DE AMPLIAR AS EXPERIÊNCIAS CULTURAIS DE CRIANÇAS E ADULTOS, REAFIRMANDO O VALOR DA ARTE E DA CONVIVÊNCIA.

O folclore e as práticas culturais são patrimônio da humanidade. As cerimônias, os rituais, as crendices populares, as danças, as comidas, as vestimentas, tudo isso são marcas de um povo. Elas contam história, conduzem-nos às nossas origens e criam a cultura.

Você é produto do meio e da cultura em que vive, mas também produz esse meio e essa cultura com suas ações. Você, na sua cidade, recebe informações e influências do mundo inteiro. Para isso, basta alguém contar uma viagem que fez, basta você ler um jornal, uma revista, assistir televisão, ouvir o rádio, receber uma carta ou parentes em sua casa (e muito mais). Ao mesmo tempo, quando emite sua opinião, conversa ou escreve uma carta, por exemplo, você dá sua contribuição, interferindo no mundo, produzindo-o com suas palavras e ações. Nestas trocas, estabelecemos contatos, recebemos e transmitimos conhecimentos. O folclore é um rico instrumento de informações e trocas de culturas de diferentes lugares.

Você sabe o que significa folclore? Folclore é uma palavra criada pelo inglês William John Thoms, em 22 de agosto de 1846, e sua origem é: folk (povo) e lore (conhecimento, saber). Folclore é o conjunto de tradições, conhecimentos, adivinhações, histórias, provérbios, superstições, danças e brincadeiras. Trata-se do conhecimento de um povo particular, mantido por ele, cultivado, transmitido, vivo naquele povo.

De acordo com Ricardo de Azevedo, folclorista brasileiro, o folclore, ou seja, o universo onipresente e transitório formado pelos mitos, cantos, versos, festas, comidas, danças, rezas, simpatias, crendices, anedotas, adivinhas, cantigas, ditados, parlendas, frases feitas etc., inventadas pelo povo, é do tamanho do infinito.

(AZEVEDO, 1997)



Por meio das relações, a cultura e o folclore atravessam o tempo, o espaço e tornam-se presentes na nossa fala, jeito, gosto etc. As escolas podem usufruir o folclore como um promotor da cultura, auxiliando as crianças a valorizarem os costumes regionais, entendendo as práticas culturais como mantenedoras da história, das origens. Além de favorecerem o respeito às diferenças sociais, culturais, éticas e étnicas de um povo.

Muitas vezes, as tradições culturais e folclóricas expressam-se no corpo: máscaras, danças, vestimentas. Por isso, é importante que o corpo seja disponibilizado para experimentar diferentes formas de viver e contar histórias.

ATIVIDADE 7

Pesquise o folclore da sua região. Procure identificar a comida, a dança, os costumes e a origem da sua cidade. Registre em seu caderno a sua pesquisa. Você também pode ilustrá-la com desenhos, imagens e fotografias. Caso não haja expressão do folclore, você pode ouvir as histórias ou “causos” dos pais e outras pessoas da comunidade para levantar a presença do folclore, o que se lembram e ainda praticam.

O folclore convida todos, adultos e crianças, a se mexerem e a imaginarem. Estabelece regras e conta histórias. Integra as pessoas e os grupos nas relações de espaço e tempo: uma mulher grávida que quer comer a língua de um boi (Catirina, do bumba-meu-boi), um negrinho de um pé só que mora na floresta e faz estripulias (Saci). São histórias folclóricas e fantásticas, que conjugam realidade e fantasia, marcando o imaginário de um povo, explicando o mundo de um jeito próprio e muito próximo às formas de expressão das crianças.

Roupas, maquiagens, danças, falas, comidas e outros elementos da festa do campo (geralmente conhecida na cidade como Festa Junina) retratam a vida e o cotidiano de uma parte do nosso Brasil.

ATIVIDADE 8

Pense como você pode viver danças e festas típicas de outra região do Brasil (diferente da sua), valorizando o corpo e suas expressões.



Temos milhares de brincadeiras que convocam o corpo à ação e expressão e que, ao mesmo tempo, trazem marcas culturais de vários lugares de nosso país. Entre essas brincadeiras estão: pipa, passa-anel, ciranda, pula-corda, esconde-esconde, cabra-cega, carniça, amarelinha, burquinha, o mestre-manda, pega ou pique-bandeira, ovo-choco, pau-de-sebo, cinco-marias, escravos-de-Jó, lenço-atrás, barra-manteiga.



ATIVIDADE 9

Pesquise na sua cidade ou região quais as brincadeiras locais que atravessaram as gerações. Pergunte aos pais das crianças. Você pode também convidá-los a brincarem com seus filhos, ensinando às crianças as brincadeiras de seu tempo de infância.

Você poderá viver o folclore com inúmeros objetivos. O importante é compreender a sua influência nas relações com uma aprendizagem que passa pelo vivido.

Ao trabalhar com o folclore da sua e de outras regiões, você possibilita às crianças conhecerem outras culturas, experimentando danças, comidas, costumes e roupas que têm sentidos próprios, podendo recuperá-los, contá-los, ampliando as próprias experiências. Você conhece a Cavallhada, Vaquejada ou o Bumba Meu Boi? Mergulhe no universo do folclore e veja quantas possibilidades estão ali presentes!

Seção 4 – O corpo em movimento e a organização de tempos e espaços na Educação Infantil

OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO:

- COMPREENDER A IMPORTÂNCIA DE FAVORECER O LIVRE MOVIMENTO DO CORPO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Como você pôde acompanhar ao longo do texto, a criança é o corpo em movimento na expressão de idéias, afetos, sensações e pensamentos. Nesta seção, convidamos você a pensar na organização dos tempos e dos espaços de modo que assegurem à criança essa expressão. Vamos lá?

O dia-a-dia que vivemos nas creches, pré-escolas e escolas é constituído de tempos e espaços. O nosso espaço, aquele que nos faz existir, é o corpo. As instituições também possuem uma estrutura física, composta por concreto, vigas, janelas, portas, um corpo docente (pessoas, estudos, pensamentos, idéias, filosofias, desejos, sonhos, medos, ordens, leis) e vários outros corpos que circulam, alimentam-se e crescem até ficarem grandes demais e não caberem mais neste espaço – as crianças.

O espaço da instituição pode estar organizado de modo a conter ou favorecer o movimento corporal das crianças. É importante que possamos pensar se as janelas, mesas e cadeiras contribuem na organização e na expressão das crianças ou estão dispostas de modo a contê-las (muitas mesas e pouco espaço livre, espaços imensos ociosos e espaços entulhados etc.).

É importante que você, professor(a), crie espaços para o movimento das crianças. Procure organizar a sala, o pátio, o corredor, enfim, os espaços que vocês irão ocupar de forma a contemplar as necessidades do seu grupo. Outra possibilidade é, como vimos no Módulo III, ambientar os espaços com materiais diversos (sucatas, brinquedos, panos, papéis, cordas, pneus, maquiagem, livros) para favorecer a expressão do movimento, do desejo, dos interesses das crianças. Onde há espaço, há movimento. O movimento é sempre livre. O significado e o sentido que damos a ele é que o relaciona com uma razão, uma história, um desejo, um encontro, um universo social e individual.

O corpo humano é muito complexo. Por isso, estamos sempre sentindo, descobrindo algo novo. Você pode proporcionar momentos de encontro com esse corpo que se renova a cada dia. Você pode propor:

- Descobrir a respiração, enchendo bolas de gás (de festa de aniversário) ou assoprando uma pena, um papel, ou então deitados de barriga para cima, colocando um objeto sobre a barriga e, ao respirar, observar o movimento. Em todas essas atividades troque com a criança e favoreça a troca entre elas, fazendo com que expressem o que sentiram, perceberam, qual a sensação e muito mais!



Priscilla Silva Nogueira

- Descobrir o tamanho do corpo, alongando. Peça-as para esticarem os braços para o alto, procurando tocar o céu, o teto, o avião, algo que esteja lá em cima. Faça o mesmo para os lados, para baixo, com os músculos contraídos, relaxados. Depois de sentirem os braços, vá para as pernas. Tudo isso variando as posturas, ou seja, ora sentados, deitados, de pé etc. Uma forma de sentir esta amplitude do corpo é conjugar o movimento com a respiração.
- Descobrir as articulações do corpo, sua flexibilidade e seu despertar. Assim, espreguice, entorte, rode, estique, sacuda, pule com as crianças.
- Disponibilizar o seu corpo como recurso para favorecer o movimento da criança. Por exemplo, você já deve ter encontrado alguma criança com medo de pular, ou de esconder-se debaixo da mesa, ou com qualquer outra dificuldade que a impossibilite de aventurar-se no movimento. Para essas crianças, muitas vezes, o olhar do outro é encorajador. A mão, o contato, o estar junto faz com que elas experimentem com mais segurança. Você, professor(a), com o seu corpo e seus desejos, vai facilitando as vivências das crianças.

Agora vamos ver o lugar do tempo nas creches, pré-escolas e escolas. O tempo possui uma dimensão particular e outra coletiva. Por exemplo, quando as crianças estão lanchando, há o tempo para o lanche (estipulado pela instituição) e há o tempo que as crianças levam para lanchar (que às vezes é maior ou menor do que o estipulado). Quanto tempo cada criança leva para fazer suas refeições? É lógico que, no lanche, o grupo acaba alterando o tempo de todos. Por estarem juntos, elas conversam, ou estão doidas para acabar rápido e irem brincar, ou uma diz que não gosta e todos recusam, enfim, há muitas variáveis quando estão juntas, em relação. É importante prestarmos atenção ao tempo do relógio, o cronometrado (quanto tempo temos para o lanche, por exemplo) e também no tempo das crianças (quanto tempo elas precisam, o que precisa ser vivido naquele momento). Você se lembra das discussões sobre o tempo que fizemos no Módulo III?

O momento das refeições é muito importante. É um tempo para alimentar o corpo, ou seja, colocar para dentro (um lugar íntimo) algo que está fora de nós! É importante olharmos para o que comemos e como comemos. Você poderia trocar idéias com a nutricionista ou cozinheira da sua escola sobre o que está sendo oferecido para vocês ou fazer uma pesquisa com as crianças, por exemplo: o que há na maçã que alimenta o nosso corpo? Quais alimentos são vitais para a nossa energia e saúde? É interessante reservar um tempo para cozinhar com elas!

O tempo interno é imprescindível para as nossas conquistas. Veja o momento do controle dos esfíncteres, nosso tema na Unidade 2, no texto de OTP do Módulo II. Por um lado, há um tempo fisiológico que precisa ser considerado. Em torno dos 2 anos de idade, a criança é capaz de conter o xixi. Então, ela pode começar a descobrir o tempo que há entre sentir vontade, compartilhar a necessidade com os adultos que cuidam dela, chegar ao banheiro e fazer o xixi. Cada um tem seu ritmo!

Quando você pensar em tirar a fralda da criança, observe os movimentos: ela sinaliza quando a fralda está molhada? Ela anda com desenvoltura e segurança? Como você irá organizar o espaço e o tempo para cuidar das necessidades da criança?

É preciso que você, professor(a), fique atento(a) ao ritmo interno de cada um. Todos podem estar cansados e querer dormir, não é verdade? Mas, para uns, o sono dura vinte minutos, para outros, uma hora, e há aqueles que dificilmente dormem. Quando colocamos todos para dormir ao mesmo tempo e durante um tempo pré-estabelecido, desconsideramos a necessidade de cada corpo. Isso produz conseqüências no

desenvolvimento da criança, pois elas podem se desconectar dos seus corpos, ou seja, dos seus sentidos e desejos.

Precisamos diferenciar os momentos de valorizarmos o ritmo interno e o ritmo social. Quando estamos jogando bola, dominó, pique, escravos de Jó, vôlei, ou seja, participando de brincadeiras e jogos que possuem as suas regras, entramos em contato com um movimento coletivo, de regras instituídas de fora para dentro, do social para o individual, mesmo entendendo que podemos recriá-las, mudá-las, se combinarmos com quem jogamos. Nestes momentos, o desafio para a criança é ajustar o seu ritmo interno ao outro, ao grupo, enfim, ao social. Quando se trata de situações como o sono e o controle dos esfínteres, temos que perceber o movimento e o ritmo de cada um. O(a) professor(a) precisa se organizar para acolher as necessidades individuais. Cada um no seu tempo vai ocupando espaços e expondo seus desejos e necessidades.

Precisamos dar tempos e espaços para as necessidades e os movimentos das crianças, entendendo que ora temos de priorizar os momentos coletivos e ora respeitar as diferenças individuais. Você conhece a poesia "As meninas", de Cecília Meireles?

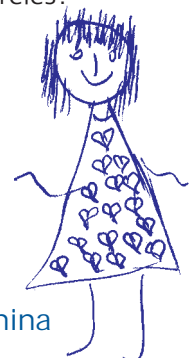
As meninas

Arabela
abria a janela.
Carolina
erguia a cortina.
E Maria
olhava e sorria:
"Bom dia!"

Arabela
foi sempre a mais bela.
Carolina,
a mais sábia menina.

E Maria
apenas sorria:
"Bom dia!"
Pensaremos em cada menina
que vivia naquela janela;
uma que se chamava Arabela,
outra que se chamava Carolina.

Mas a nossa profunda saudade
é de Maria, Maria, Maria,
que dizia com voz de amizade:
"Bom dia!"



Os tempos e os espaços são referenciais importantes para a construção de um ser humano consciente de suas atitudes e implicado com o coletivo.

ATIVIDADE 10

Pegue o seu planejamento da semana e procure extrair dele três momentos que contemplem algumas ações que envolvem primordialmente regras externas. Por exemplo, propostas nas quais as experiências contemplariam o brincar, atividade de rotina etc. Como você, professor(a), planejou estas propostas no tempo e no espaço?

Muitas vezes, as propostas não correspondem às expectativas suas e/ou das crianças, não é mesmo? Na tentativa de cuidarmos um pouco mais dos acontecimentos do dia-a-dia, propomos que você, professor(a), possa olhar para o espaço e para o tempo que acolhe e recebe todos vocês.



ATIVIDADE 11

1. Feche os olhos e pense na sua sala de atividades. Que materiais ela possui? Procure refletir sobre a escolha destes materiais. Por exemplo, o que fazem ali, quem os colocou, que função têm?
2. Agora, relacione estes objetos com as necessidades das crianças do seu grupo. Quais correspondem? Que modificações você acredita que precisam ser feitas?

Para construir um espaço acolhedor, é preciso organizá-lo para que possa receber as crianças com seus movimentos. Assim, a sala do berçário, por exemplo, será diferente da sala das crianças de 2 anos, que também será diferente de qualquer outra sala. Pois as configurações estarão comprometidas com as necessidades de cada grupo em cada momento. Um espaço acolhedor recebe as crianças possibilitando sua interação, exploração e aprendizagem.

Mesas, cadeiras, quadros, murais, chamadas, mochileiros, armários, jogos, fantasias, livros, lápis, canetinhas, colas, tesouras, papéis, desenhos, espelhos, carros, blocos lógicos, bonecos, bonecas, fogões, sucatas, caixas etc., onde ficarão? Quais olhos e mãos poderão alcançá-los: os dos adultos, das crianças ou os dois? A questão da altura é muito importante. O que adianta uma mochila pendurada lá em cima? E aquele lápis maravilhoso que ninguém vê? Para estimularmos a autonomia e

independência das crianças, os materiais precisam estar disponíveis no espaço, de forma que estejam ao alcance das mãos das crianças na hora em que decidirem o que vão usar para produzirem seus desenhos, histórias, colagens etc.

Um espaço que favorece o livre movimento das crianças é naturalmente alterado pelos acontecimentos diários. Os movimentos das crianças vão mudando o rumo das conversas, das pesquisas, dos encontros, e o espaço vai se alterando junto. Assim, um dia a sala de atividades pode virar uma escuridão só. Caldeirão, sapos, aranhas, bruxas, poções mágicas invadem a sala e ela se transforma em uma casa de bruxas no ápice da pesquisa. Em outro momento, poesias podem tomar conta das paredes, dos livros, dos cd's, das histórias. Já em outro, o teto pode virar o universo, com seus planetas, foguetes, luas e todos deitados no planeta Terra (o chão) contemplam as estrelas. Em outros, enquanto um grupo lê histórias e revistinhas, outro grupo pode desenhar ou jogar. Existem muitas possibilidades!

Com práticas que considerem as necessidades do corpo, os espaços deixam de ser imóveis, parados, únicos, para se transformarem em um recurso potente e à mão do(a) professor(a), auxiliando no processo de aprendizagem das crianças. Além disso, os espaços transmitem muitas mensagens. Eles expressam gostos, preferências, cheiros, cores, viagens, desejos, regras, leis, enfim, toda história, intimidade e as relações de quem ali convive ou reside.

Dessa forma, é importante que o espaço também registre o processo à medida em que vai se alterando e que possa ir contando o vivido. Com isso, crianças, professores(as), familiares, todos que por ali passarem poderão dimensionar no tempo o que foi vivido.

Quando o espaço e o tempo estão em harmonia, passamos a ter um ambiente. Dessa forma, otimizar o espaço é uma forma de construir um ambiente facilitador de muitos saberes.



ATIVIDADE 12

Talvez você já tenha percebido que as crianças fazem coisas em tempos diferentes, por exemplo, quando todos estão pintando e alguém termina antes de todo mundo. Como o espaço poderá acolher quem terminou? Registre em seu caderno as suas observações.

Atenção professor(a)!

Cuidar do espaço e do tempo é cuidar das possibilidades de relações das crianças. Aprender é relacionar o que se viveu, o que se viu, o que se sentiu, o que se leu, o que se escutou, o que se imaginou com tudo aquilo que se criou.

PARA RELEMBRAR

- Neste texto de OTP, pensamos com o corpo. Procuramos apontar para você, professor(a), a presença do corpo nos processos de desenvolvimento e crescimento das crianças, além de valorizarmos suas expressões e linguagens.
- As creches, pré-escolas e escolas atuam com crianças em uma faixa etária de intensa mutação e exploração dos sistemas sensoriais. Este momento é muito importante para o desenvolvimento do ser humano. Aqui muitas aquisições importantes acontecem.
- Para além do processo maturacional do desenvolvimento, há outro aspecto que merece a sua atenção: a relação! Dependendo das relações estabelecidas entre a criança e o conhecimento, a criança e outras crianças, a criança e o adulto, a criança e a instituição, poderão ser construídos diferentes vínculos, o que resultará em diferentes formas de se relacionar com o corpo e de estar no mundo.
- Ao longo de todo o texto, o corpo foi apresentado como um mediador das relações, ou seja, o meio pelo qual a criança entra em contato com o que há por dentro e por fora de si; um veículo de relações, conquistas e aprendizagem. É através do corpo que a criança apreende o mundo.
- Relacionamos corpo e movimento na construção do saber, utilizando as experiências das crianças na aquisição da linguagem e apontando a importância do brincar para cada uma e para o grupo. Além disso, trouxemos a música, a dança e o teatro como formas de expressões das crianças e da sociedade que enriquecem a nossa imaginação, estimulando diferentes formas de expressões.



- Encontramos a nossa história, origem e cultura por meio das práticas culturais, do folclore, viajando por regiões, cidades, tempos e espaços sem sair do lugar com muitos movimentos e encontros.
- Compreendemos a importância de cuidar dos espaços e dos tempos nas creches, pré-escolas e escolas, favorecendo o movimento das crianças, a autonomia, as escolhas, enfim, um conhecimento que passe pelo vivido.
- Propomos que a natureza dos corpos das crianças, o movimento, possa afetar e ser afetado nas trocas com o meio que os envolvem e, com isso, tecerem suas histórias, suas vidas.

ABRINDO NOSSOS HORIZONTES

Orientações para a prática pedagógica

Todo início contém um evento mágico,
um encontro, um deslumbramento no olhar...
É aí que nascem as grandes paixões (...)
Sem uma grande paixão não existe conhecimento.

Rubem Alves

Para favorecer uma prática pedagógica que considere as expressões do corpo, você, professor(a), precisa significar os gestos, as ações, os desejos, as falas suas e das crianças.

É preciso valorizar as diferenças como marcas de cada um. Aposte na expressão de cada corpo, no enredo de cada história, nas cores de cada pintor e no traço (nas marcas) de cada corpo.

O corpo é muito complexo. Ele exige uma variedade enorme de alimentos: músicas, livros, fantasias, imagens, comida, contato, movimento, teatro... Procure discutir sobre esse tema com os(as) outros(as) professores(as) da sua instituição. Depois veja que encaminhamentos são possíveis para organizar uma prática que considere os aspectos abordados ao longo do texto.

GLOSSÁRIO

Expressão: a expressão do corpo, sobretudo em suas manifestações tônicas, é a tradução num outro registro das reações emocionais e afetivas, sejam elas conscientes ou inconscientes. (BOULCH, Jean Le. Rumo a uma ciência do movimento humano. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. p. 69)

Linguagem: um sistema simbólico (um sistema das imagens, símbolos, representações) inerente ao homem. É através dela que os grupos humanos se comunicam e compartilham sentimentos, conhecimentos, fatos, histórias etc. Para Vygotsky, a linguagem possui duas funções básicas: intercâmbio social e pensamento generalizante. (OLIVEIRA, Martha Kohl de. Vygotsky, aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio histórico. Ed. Scipione, 1993. p. 42)

Movimento: o movimento é um termo geral expressando o deslocamento objetivo voluntário ou não de todo o corpo ou de uma parte dele. “Ele descreve uma maneira de tratar o mundo, de estar no mundo ou de existir.” (MERLEAU-PONTY. In: BOULCH, Jean Le. Rumo a uma ciência do movimento humano. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. p. 34.)

SUGESTÕES PARA LEITURA

ANDRADE, Carlos Drummond. Corpo. Rio de Janeiro: Record, 1984.

BRUHNS, Heloísa T. (org.). Conversando sobre o corpo. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1994.

LAPIERRE, AUCOUTURIER. A simbologia do movimento – psicomotricidade e educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e Processos de criação. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. Estórias de quem gosta de ensinar. Campinas: Papyrus, 2002.

AZEVEDO, Ricardo de. Meu livro de folclore. São Paulo: Ática, 1997.

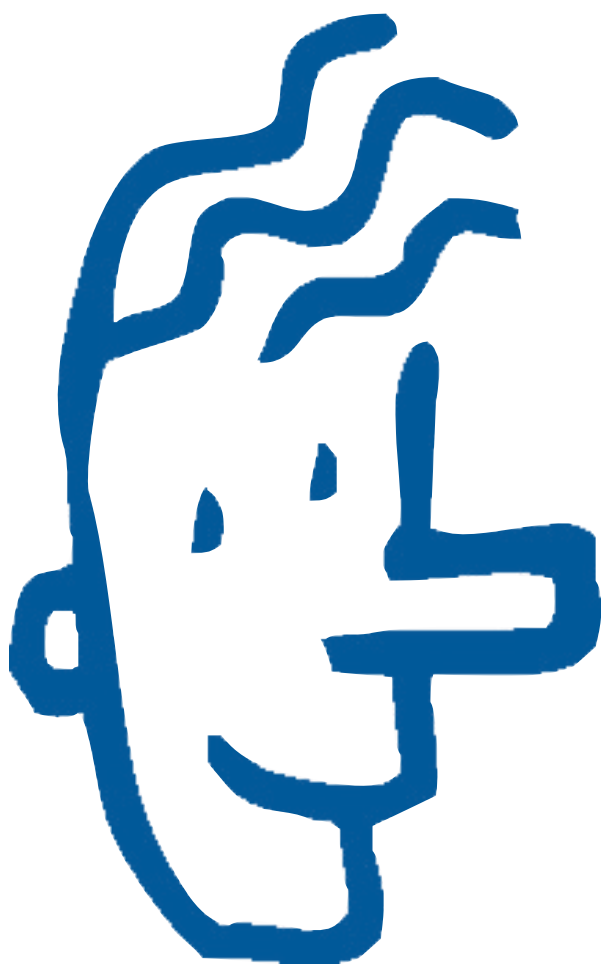
MEIRELES, Cecília. Ou isto ou aquilo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.


ROUSSEAU, Jean-Jacques. O Emílio ou da educação. Sérgio Milliet (trad.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S. A.

SABINO, Fernando. Menino no espelho. Rio de Janeiro: Record, 1993.



C - ATIVIDADES INTEGRADORAS





Nos textos desta unidade, estudamos o corpo, o movimento e o contato com a natureza e cultura. No texto de FE “As múltiplas linguagens das crianças e as interações com a natureza e a cultura: música, dança e gestualidade”, problematizamos relações, conteúdos e processos pedagógicos que têm como ênfase o trabalho com a música, a dança, o teatro, ou seja, o movimentar-se humano como linguagem e sua importância na formação das crianças.

No texto de OTP “Corpo e movimento”, convidamos você, professor(a), a olhar para o corpo como produtor de relações, conquistas e aprendizagem. É com o corpo que a criança apreende o mundo: movimentando-se! Quando ela se movimenta, toca, experimenta sabores, odores, objetos, sua pele e a do outro, vai expandindo o corpo, as emoções, as sensações e, assim, conhecendo a si e o meio.

Nossa proposta para o encontro quinzenal é que vocês escolham uma das linguagens abordadas nos textos: música, som, teatro e dança e façam uma vivência.

Se a linguagem escolhida for a música, podem compartilhar as músicas que estão mais presentes em seus cotidianos. Caso algumas delas sejam brinquedos cantados, vocês podem soltar o corpo e brincá-las. Se a proposta for de teatro, escolham o texto e uma forma de representá-lo. Essa será uma boa oportunidade de negociar papéis e definir funções, assim como sugerimos no texto que as crianças o façam. A dança pode estar presente em cirandas, festejos ou outros ritmos que venham a surgir.

Orientações para o encontro quinzenal

Antes do encontro:

Separem o material necessário para o encontro.

Durante o encontro:

Aproveitem esse encontro para viver os movimentos em sua plenitude.

Esta obra foi composta na Editora Perffil e impressa na Esdeva, no sistema off-set, em papel off-set 90g, com capa em papel cartão supremo 250g, plastificado brilhante, para o MEC, em fevereiro 2006. Tiragem: 10.000 exemplares.